



**GEP** Grupo de Estudos e Pesquisas  
em Alfabetização e Letramentos  
por Atos de Leitura Triangulada

**ALFALETRI**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCSO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ALFABETIZAÇÃO E  
LETRAMENTOS POR ATOS DE LEITURA TRIAGULADA - GEP-ALFALETRI

**NÚBIA NATÉRCIA DA SILVA GOMES ABREU**

**LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO - LABALF: uma inovação  
pedagógica na disciplina Fundamentos e Metodologias da  
Alfabetização mediada pela extensão/pesquisa**



SÃO LUÍS  
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – CCSO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTOS  
POR ATOS DE LEITURA TRIAGULADA - GEP - ALFALETRI

NÚBIA NATÉRCIA DA SILVA GOMES ABREU

**LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO – LABALF: uma inovação pedagógica na  
disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização mediada pela  
extensão/pesquisa**

SÃO LUÍS

2022

NÚBIA NATÉRCIA DA SILVA GOMES ABREU

**LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO – LABALF: uma inovação pedagógica na  
disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização mediada pela  
extensão/pesquisa**

Monografia apresentada como critério parcial para a conclusão do Curso Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Profa. Dra. Marise Marçalina de Castro Silva Rosa

SÃO LUÍS

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

ABREU, NÚBIA NATÉRCIA DA SILVA GOMES.

LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO LABALF: uma inovação pedagógica na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização mediada pela extensão/pesquisa / NÚBIA NATÉRCIA DA SILVA GOMES ABREU. - 2022.

79 f.

Orientador(a): Marise Marçalina de Castro Silva Rosa.  
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Formação de Professores. 2. Inovação Pedagógica.  
3. Laboratório de Alfabetização. 4. Professoras/es  
Alfabetizadoras/es. I. Rosa, Marise Marçalina de Castro  
Silva. II. Título.

NÚBIA NATÉRCIA DA SILVA GOMES ABREU

**LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO – LABALF: uma inovação pedagógica na  
disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização mediada pela  
extensão/pesquisa**

Monografia apresentada como critério parcial para  
a conclusão do Curso Graduação em Licenciatura  
Plena em Pedagogia na Universidade Federal do  
Maranhão.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2022.

Banca Examinadora

---

Orientadora: Profa. Dra. Marise Marçalina de Castro Silva Rosa  
Doutora em Educação  
Professora do Departamento de Educação I – UFMA

---

Examinador/a 1

---

Examinador/a 2

A Sra. Iracema Raimunda da Silva (in memoriam) minha mãe e primeira mestra, pelo seu amor incondicional, que sinto até hoje através das lembranças e aos meus filhos Marcos e João, meus bens mais preciosos, razão do que sou.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão é reconhecer o quanto uma pessoa fez algo em nosso favor, é entender que esta ação, trouxe-nos um grande benefício, por isso, à luz de São Tomás de Aquino, no nível mais profundo da gratidão, é dizer obrigada, é dizer que: “ficamos obrigado perante vós”.

Agradeço a Deus, meu ajudador fiel, por me permitir a realizar um sonho de adolescência, a minha graduação na Universidade Federal do Maranhão.

Sou muito grata a Professora Marise Marçalina, por sua disponibilidade mesmo diante de tantas demandas, para me orientar neste trabalho monográfico. Obrigada por me orientar não só na escrita desta monografia, por me orientar para a vida. Por me mostrar que, apesar dos duros golpes que a vida nos dar, podemos nos levantar e ressignificar a nossa história de vida. Agradeço a confiança dispensada a mim, que pude perceber ao longo de nossa travessia, por me provocar e me desafiar, o que me deu possibilidade de chegar até a conclusão deste trabalho e a aquisição de novos conhecimentos. Enfim, eu quero agradecer-lhe profundamente por não ter desistido de mim, quando a pandemia me paralisou e eu não conseguia produzir, suas palavras me encorajaram. Não lhe disse ainda, mas, quando crescer quero ser exatamente igual a senhora, humana, afetuosa, mestra, amiga, solidária e etc... minha SEMPRE orientadora, muitíssimo obrigada de coração.

À Profa. Ma. Natália Ferreira, que considero um presente que o Projeto Escola Laboratório me deu, obrigada por todas as contribuições.

À Iracema Raimunda da Silva (in memorian) minha honrada mãe, a minha eterna gratidão, pelo legado que nos deixou, por ser um exemplo de mulher empoderada, valente, guerreira, que sempre lutou por aqueles que amava, com afincos e muita dedicação. Um ser humano ímpar, que sempre acreditou em mim e torceu para que eu fosse bem sucedida em todas as áreas de minha vida. Sempre apaixonada pela docência, o que de certa forma me contagiou a ponto de querer seguir seus passos. Minha mãe, amiga e conselheira, que sinto falta todos os dias e que queria tanto que estivesse aqui, para vivenciar esse momento comigo, mas aprouve Deus que fosse diferente. Professora Iracema (Tia Irá), sempre, PRESENTE!

Minha família, o meu bem mais precioso, meus filhos: Dyêgo (meu filho do coração), Marcos e João, razão da minha vida, por eles sou o que sou, amo com todas as minhas forças, meu esposo Emílio, companheiro, amigo, por todo apoio que sempre me deu, muito obrigada por toda compreensão e amor.

Ao meu irmão Rômulo e minha cunhada Nilcéa, a minha irmã e amiga Maria de Jesus (Dijé) e meu cunhado Pedro, muito obrigada por estarem sempre perto e por cuidarem de mim.

Agradeço aos meus sobrinhos/as, Pedro, Isaque, Emanuelle, Júnior, Deyvisson (um dos incentivadores para eu fazer o ENEM), Prof. Daniel (o meu primeiro aluno). À Natália, Juliana, Jessé, Jáson, Rodrigo, Larissa, Thalícia, Alexandre, Sara, Geise, Geisa, Adriana e Josué (sobrinhos/os do coração), alegrias da minha vida, amo mais que chocolate.

À minha tia Maria do Rosário, pelo seu amor de mãe, aos meus tios Valdeci e Ismael, meus primos Paulo e Israel e minha prima Irís, obrigada.

Às minhas amigas-irmãs, Clarice (meu porto seguro e grande incentivadora), Deuza, Naura e Nalva, pela sincera amizade, incentivo, apoio e por me ter sempre em suas orações, sou muito grata a todas vocês.

Agradeço a todos e todas da família IAD na pessoa do Pr. Nonato, e em especial a Ivonete (Neta), pelas orações, pela escuta e todo apoio.

Amigas e amigos que a UFMA me deu de presente: as meninas do salto qualitativo, Talita, Erica, Priscilla, Lesley, Naiara e Lorena, a minha companheira Jocelina; meu *best* monitor Prof. Carlos Richard; os queridos extencionistas do Projeto Escola Laboratório, Ana Luiza, Matheus e Rafaelle, muito obrigada por fazerem a minha travessia mais suave e terna, por dividirem comigo as angústias e alegrias da graduação.

Agradeço as crianças, que participaram do Laboratório de Alfabetização, por me propiciarem a rica experiência com a docência através da extensão.

Às alunas e alunos da Disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, do 4º período 2019.1 e 2019.2, obrigada por toda a contribuição.

Todas/os alunas/os do Curso de Pedagogia Vespertino ingressos 2015.1, obrigada.

Agradeço as/os docentes do Curso de Pedagogia, aqui representados pela: Profa. Marise Marçalina, Profa. Rosemary Ferreira, Profa. Natália Ribeiro, Profa. Ildete Dominice, Profa. Maria da Piedade, Profa. Kaciana Rosa, Profa. Francicy

Rabelo, Profa. Maria do Carmo, Profa. Tamara Frezia e pelo Prof. Carlos Dublante. Enfim, a todos/as que contribuíram para a minha formação, com certeza, levarei as marcas deixadas em minha vida por cada um/a.

À Universidade Federal do Maranhão, a minha *alma mater*.

Enfim, agradeço a todos/as que direta ou indiretamente contribuíram comigo na travessia da minha formação, hoje o meu coração se alegra no Senhor, por tão grande benefício. Que Deus abençoe e recompense a todos/as.

Obrigada de coração.

Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a. (FREIRE, 2009, p. 01)

## RESUMO

Este trabalho monográfico, trata do estudo sobre “Laboratório de Alfabetização – LABALF: uma inovação pedagógica na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, mediada pela extensão/pesquisa”, e tem por objetivo investigar o Laboratório de Alfabetização como uma atividade inovadora de extensão universitária na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização e as possibilidades de apropriação e mobilização de saberes docentes de futuras/es professoras/es alfabetizadoras/es. Os agentes sociais desta pesquisa foram: a professora da disciplina, as/os alunas/os do quarto período do Curso de Pedagogia, as crianças de uma escola municipal do entorno da universidade e os extensionistas do Projeto Escola Laboratório. A pesquisa desenvolveu-se a partir da abordagem qualitativa, como procedimentos, foram utilizados: a pesquisa bibliográfica; análise documental (programa da disciplina, cartas, sequências didáticas, relatórios e narrativas); observação participante e pesquisa de campo etnográfica, utilizamos como instrumento de pesquisa, a entrevista semiestruturada com a professora da disciplina. Primeiro discute-se a disciplina no currículo do curso de Pedagogia a partir, das histórias e memórias, bem como, o Projeto Escola Laboratório, como um espaço de extensão voltado para a formação docente. Em seguida, estuda-se o laboratório de ensino, percebendo-o como um espaço de aprendizagens, a partir, das informações obtidas no acervo da disciplina e as contribuições da professora, verificou-se as contribuições do Laboratório de Alfabetização para a formação docente. Concluímos que o Laboratório de Alfabetização, contribuiu com a formação de professores/as alfabetizadores/as por meio de práticas situadas e pela indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, bem como a mobilização e apropriação dos saberes docentes.

**Palavras-chave:** Laboratório de Alfabetização; Professoras/es Alfabetizadoras/es; Formação de Professores; Inovação Pedagógica.

## ABSTRACT

This monographic work, deals with the study on "Literacy Laboratory - LABALF: a pedagogical innovation in the discipline Fundamentals and Methodologies of Literacy, mediated by extension/research", and aims to investigate the Literacy Laboratory as an innovative university extension activity in the discipline Fundamentals and Methodologies of Literacy and the possibilities of appropriation and mobilization of teaching knowledge of future literacy teachers. The social agents of this research were: the teacher of the discipline, the students of the fourth period of the Pedagogy Course, the children of a municipal school in the vicinity of the university and the extension workers of the Laboratory School Project. The research was developed from the qualitative approach, as procedures were used: the bibliographic research; document analysis (discipline program, letters, didactic sequences, reports and narratives); participant observation and ethnographic field research, we used as a research instrument, the semi-structured interview with the professor of the discipline. First, the discipline in the curriculum of the Pedagogy course is discussed, based on stories and memories, as well as the Laboratory School Project, as an extension space aimed at teacher training. Then, the teaching laboratory is studied, perceiving it as a space for learning, from the information obtained in the subject's collection and the teacher's contributions, the contributions of the Literacy Laboratory to teacher training were verified. We conclude that the Literacy Laboratory contributed to the training of literacy teachers through situated practices and the inseparability of teaching, research and extension, as well as the mobilization and appropriation of teaching knowledge.

**Keywords:** Literacy Laboratory; Literacy teachers; Teachers Training; Pedagogical Innovation.

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 01** – Cartas sobre o processo de alfabetização

**Quadro 02** – Etapas do Laboratório de Alfabetização

**Quadro 03** – Percepções das/os alunas/os sobre a criação do LABALF

**Quadro 04** – Percepções das/os alunas/os sobre o planejamento do LABALF

**Quadro 05** – As experiências das/os alunas/os no LABALF

## **LISTA DE FIGURAS**

**FIGURA 01** – Drive da Turma de Fundamentos e Metodologias da Alfabetização

**FIGURA 02** – Linhas de Ação do Projeto Escola Laboratório em 2019

**FIGURA 03** – A saia literária

**FIGURA 04** – Acolhida no LABALF: escrita do nome

**FIGURA 05** – Momento da leitura

**FIGURA 06** – Momento da escrita

**FIGURA 07** – Atividade Individualizada no jardim do CCSO

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 HISTÓRIA DA DISCIPLINA FUNDAMENTOS E METODOLOGIAS DA ALFABETIZAÇÃO NO CURRÍCULO DE PEDAGOGIA: histórias e memórias</b> .....	21
<b>2.1 O Curso de Pedagogia: breve histórico</b> .....	21
<b>2.2 A formação de professoras/es alfabetizadoras/es e a disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização</b> .....	24
<b>2.3 Historicidade do Projeto Escola Laboratório como experiência formadora de extensão universitária</b> .....	31
<b>3 LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO – LABALF: desafios do ensino, pesquisa e extensão na formação de professoras/es alfabetizadoras</b> .....	38
<b>3.1 Laboratório de ensino: reflexões sobre a extensão e aprendizagem profissional</b> .....	39
<b>3.2 Laboratório de Alfabetização – LABALF: planejamento e desenvolvimento</b> .....	42
<b>3.3 Percepções sobre o LABALF: contribuições dos agentes sociais</b> .....	50
3.3.1 A professora formadora: percepções e contribuições .....	50
3.3.2 As percepções dos/as alunas/os da disciplina Fundamentos e Metodologias sobre o LABALF .....	55
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	63
<b>APÊNDICES</b> .....	66
<b>APÊNDICE A – Entrevista com a Docente da Disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização</b> .....	67
<b>ANEXOS</b> .....	69
<b>ANEXO A – Decreto nº 32.606</b> .....	70
<b>ANEXO B - Programa da Disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização – 60 h</b> .....	71
<b>ANEXO C – Alguns livros utilizados no momento da leitura no LABALF</b> .....	76
<b>ANEXO D – Algumas atividades realizadas no LABALF</b> .....	77
<b>ANEXO E– Registros da Retomada do LABALF Pós Pandemia</b> .....	79

## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia desenvolveu-se sobre o estudo do campo da alfabetização, especificamente sobre a formação inicial de professoras/es alfabetizadoras/es, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Uma das dimensões do curso de Pedagogia é a docência como base para a construção da identidade profissional do pedagogo, que se preocupa com a formação inicial de professores para anos iniciais do ensino fundamental (ROSA, 2010).

Torna-se relevante pontuar que, a universidade como um espaço de formação de sujeitos, está organizada para atender os critérios que deem conta de formar profissionais habilitados para o exercício de sua função. Em relação as/aos professoras/es alfabetizadoras/es, estimular a consciência crítica destas/es em relação as suas práticas pedagógicas, levando em consideração a capacidade de aprendizagens de suas/eus alunas/os.

Sabemos que, conseguir alfabetizar alunos e alunas de forma significativa dando-lhes condições de serem letrados e não somente de decodificar, envolve diversas ações e sujeitos dispostos a desenvolverem, estudos e pesquisas, que sejam capazes de apontar os problemas e as possíveis soluções constitui-se em um grande desafio. Pois, quando uma criança entra na escola, ela já adquiriu um patrimônio de habilidades e destrezas que a habilitará a aprender a escrever em um tempo relativamente curto (LURIA, 1988).

Se de fato a criança traz consigo tais habilidades e destrezas, o que então acontece no processo educativo, especificamente na alfabetização, quando muitas delas não conseguem de fato serem completamente alfabetizadas?

Considerando o questionamento anterior, apontaremos a relevância e singularidade da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão, em formar professoras/es alfabetizadoras/es, por meio da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Entendemos que, para se alfabetizar faz-se necessário, o uso de metodologias que darão conta de ensinar o código e os usos sociais da linguagem escrita sistematicamente, mediante a capacidade de aprendizagem dos/as alunos/as, utilizando-se atividades, materiais e recursos diversos.

Justificamos a inquietação pela área da Alfabetização, para análise e pesquisa da mesma, teve início quando fiz a disciplina de Fundamentos e Metodologias da Alfabetização no quarto período do Curso de Pedagogia, quando estudamos sobre alfabetização e letramento, bem como na realização das atividades propostas pela docente Dra. Marise Marçalina, dentre elas destaco: encontrar uma pessoa para alfabetizar no decorrer da disciplina e as “Rodas de Diálogos” onde eram promovidos o encontro dos/as alunos/as com os/as professores/as da Rede Municipal de São Luís – MA, em uma troca de conhecimento entre todos os partícipes.

Destacamos que, mesmo com uma breve carga horária de 60 horas, a docente da disciplina tem possibilitado aprendizagens significativas por meio indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, esta especificidade é o que a diferencia dentre as demais metodologias, o que promove o alargamento da disciplina, dando meios e condições para a mobilização de saberes docentes, pois, foi exatamente aqui neste momento, que tive o meu primeiro contato com a extensão universitária.

Entendemos que, a disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, tem viabilizado, por meio de práticas situadas, a todas/os que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem a aquisição de saberes docentes. Um exemplo desta perspectiva é o Laboratório de Alfabetização criado pela docente da disciplina no primeiro semestre 2019, onde as/os discentes tiveram possibilidade de pôr em prática os estudos e pesquisas sobre alfabetização. “Por meio dessas atividades a disciplina ganhou outro tom e novos rostos, os rostos das crianças que nos ensinam como ensinar” (PINHEIRO, 2019, p. 25).

Portanto, o objeto desta pesquisa é o Laboratório de Alfabetização – LABALF, enquanto uma inovação pedagógica da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, e a minha participação enquanto observadora participante, no período que compreende dois semestres, 2019.1 e 2019.2, no entanto, neste trabalho monográfico apresentaremos os dados do primeiro semestre 2019.

Nesta pesquisa, pretendemos a compreender como se dá o processo da alfabetização, os desafios encontrados, no que diz respeito também a formação de professoras/es alfabetizadoras/es, aqui delimitamos a formação inicial, sem negar ou invalidar a formação contínua, por acreditar que se trata de um tema inesgotável. Os

saberes que futuras/os professoras/es produzem na formação inicial, [...] “podem ser compreendidos se forem investigados em função das expectativas e das imagens que podem ser descritas pelos mesmos” (ROSA, 2010, p.20).

É relevante nesta pesquisa, a maneira que ensino, pesquisa e extensão podem se entrelaçar através de atividades que mobilizam e promovem saberes de futuras/os docentes alfabetizadoras/es.

Desse modo, a pesquisa aconteceu na Universidade Federal do Maranhão, na sala do Projeto Escola Laboratório – PEL, a priori as terças-feiras quando aconteciam as aulas da disciplina, e posteriormente, nas segundas-feiras para planejamento das atividades que seriam desenvolvidas no dia seguinte.

Os agentes sociais desta pesquisa são: a professora da disciplina; os/as alunas/os do quarto período do Curso de Pedagogia; as crianças de uma escola municipal do entorno da universidade; os extensionistas do Projeto Escola Laboratório.

“Toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta, por uma dúvida” (MINAYO, 2019, p.16). Nesse viés, o problema desta pesquisa configura-se na seguinte pergunta: *até que ponto o Laboratório de Alfabetização, enquanto espaço de práticas situadas de alunas/os em processo de aprendizagem na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, promove a mobilização e apropriação de saberes docentes das/os futuras/os professoras/es alfabetizadoras/es, por meio da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão?*

Entendemos que a partir deste questionamento outros mais poderão surgir, o que pretendemos junto a este estudo é conseguirmos responder à questão principal e se possível as demais.

Como objetivo geral temos: *investigar o Laboratório de Alfabetização como uma atividade inovadora de extensão universitária na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização e as possibilidades de apropriação e mobilização de saberes docentes de futuras/es professoras/es alfabetizadoras/es.*

Consideramos então, que a disciplina se ocupa em formar professoras/es alfabetizadoras/es, através da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão em relação ao campo da Alfabetização.

Destacamos os objetivos específicos: *compreender o campo da alfabetização e a formação de professoras/es alfabetizadoras/es, a partir das atividades teórico-metodológicas da Disciplina Fundamentos e Metodologias da*

*Alfabetização; discutir o processo de planejamento e desenvolvimento do Laboratório de Alfabetização na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização e o processo de apropriação de saberes de futuras/os professoras/es alfabetizadoras/es; mapear o processo de planejamento e organização de sequências didáticas, desenvolvidas no Laboratório de Alfabetização, situando os saberes das/os professoras/es alfabetizadoras/es.*

### **Trajatória Metodológica da Pesquisa**

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir de um debruçar sobre fontes bibliográficas e documentais que serviram para fundamentar e corroborar a construção deste trabalho, além da pesquisa de campo.

Como procedimentos metodológicos desta pesquisa pretendemos realizar pesquisa bibliográfica, será desenvolvida a partir de materiais publicadas em livros, artigos, dissertações e teses. Segundo Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Neste sentido, será feito um levantamento bibliográfico relacionado ao tema da pesquisa com o objetivo de fundamentar as ideias do tema objeto de estudo.

Bem como a pesquisa documental, para Lima (2012, p. 13), “a pesquisa documental tem grande relevância nos estudos históricos e outras modalidades de pesquisa qualitativa, permitindo o acesso de informações em diferentes tempos e contextos socioculturais. Ela se utiliza também de fontes bibliográficas”. Portanto será feita utilização de instrumentos legais, normativos e oficiais, bem como relatórios e narrativas dos sujeitos pesquisados, que darão ênfase ao assunto abordado nesta pesquisa.

E de pesquisa de campo, Prodanov e Freitas (2013, p. 59) aponta para pesquisa de campo como, “[...] aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta”. Portanto, na pesquisa de campo, será realizada a observação participante e coleta de dados, cuja a abordagem requer que seja feito tal levantamento de informações para darem conta de responder à questão da problematização desta pesquisa e outras que surjam.

Ainda, esta pesquisa carrega em seu bojo o estudo etnográfico, pelo fato de a coleta de dados propiciar a pesquisadora a convivência direta com o grupo

social estudado, neste caso a professora e as/os alunas/os da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, e as crianças de uma escola municipal do entorno da universidade, por um período de dois semestres, dando-nos perfeita condições de dialogar com os agentes sociais envolvidos na pesquisa. Para Rocha e Eckert (2008, p. 01),

A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o(a) pesquisador(a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, etc.

Neste período, fizemos a observação direta de todas as atividades, que aconteciam dentro da disciplina, percebemos as expectativas e anseios do grupo, uma vez que “a observação direta é sem dúvida a técnica privilegiada para investigar os saberes e as práticas na vida social e reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana” (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 02).

Optamos por desenvolver esta pesquisa a partir da abordagem qualitativa, já que “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares”, ainda por esta pesquisa indicar um fato que não deverá ser quantificado, pois o “objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos” (MINAYO, 2019. p.20).

Os dados coletados e obtidos por nós, nessa pesquisa foram: o programa da disciplina, as cartas com narrativas do processo de alfabetização das/os discentes, as sequências didáticas, os relatórios e estudos de casos. De posse dos dados, realizamos três tipos de procedimentos na abordagem qualitativa: “a) ordenação dos dados; b) classificação dos dados; e c) análise propriamente dita” (MINAYO, 2019 p.20)

Reiteramos que, os dados obtidos por nós, visam responder à questão problema desta pesquisa, e que estes foram-nos disponibilizados dos arquivos da Disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, para fins de do esclarecimento da temática a ser pesquisada e da exposição da relevância para a disciplina.

Os/as autores que fundamentaram esta pesquisa foram, Rosa (2010), Vituriano (2016), Winkeler (2012), Silva e Rosa (2011) e Bajard (2012), dentre outros/as.

Dessa forma esta pesquisa está estruturada em seções. De início temos a introdução, seguido da segunda seção aborda a origem do Curso de Pedagogia da UFMA, aponta a disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização no eixo da formação docente e as ações do Projeto Escola Laboratório um espaço de ações que viabilizam a formação docente.

Na terceira seção vamos refletir sobre Laboratório de Alfabetização – LABALF e os desafios do ensino pesquisa e extensão, abordaremos sobre Laboratório de Ensino um espaço da extensão universitária e a aprendizagem profissional, observaremos como o LABALF é planejado e desenvolvido, também traremos as percepções e contribuições dos agentes sociais (professora-formadora e as/os alunas/os) envolvidos no LABALF.

Finalmente, a conclusão, apresentando nossas impressões e sugestões para a continuidade das ações do LABALF.

## **2 HISTÓRIA DA DISCIPLINA FUNDAMENTOS E METODOLOGIAS DA ALFABETIZAÇÃO NO CURRÍCULO DE PEDAGOGIA: histórias e memórias**

“A história do Curso de Pedagogia da UFMA no Maranhão situa-se como marco no processo de formação docente para este Estado, além de configurar-se, no campo acadêmico, como um dos cursos mais antigos do cenário maranhense” (ROSA, 2010, p.66). Neste sentido, podemos entender que no decorrer dos anos o Curso de Pedagogia da UFMA, tem corroborado com a formação de profissionais da educação, aptos/as a atuarem nas salas de aula e demais espaços.

Nesta seção, iremos recontar, de forma breve a origem do Curso de Pedagogia da UFMA, bem como apontar a disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização integrante do “Sub-eixo 02: Formação para a Docência” no currículo, e as possibilidades de apropriação e mobilização de saberes docentes de futuras/os professoras/es alfabetizadoras/es, a partir de atividades teórico-metodológicas disciplina. Nesta linha, vamos elencar as ações do Projeto Escola Laboratório enquanto extensão universitária e um espaço de ações que viabilizam a formação docente, no decorrer dos seus 27 (vinte e sete) anos de criação.

### **2.1 O Curso de Pedagogia: breve histórico**

O Curso de Pedagogia no Estado do Maranhão, tem sua origem ligada à criação da Faculdade de Filosofia de São Luís, fundada em 15 de agosto de 1952, a sua autorização de funcionamento deu-se pelo Decreto nº 32.606 de 23 de abril de 1953 (Anexo A). No entanto, o reconhecimento do Curso vai acontecer quatro anos mais tarde, através do Decreto Nº 39.663 de 28 de julho de 1956 (UFMA, 2007, p. 08).

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, pela regulamentação nacional então vigente, vigorava o chamado “esquema três mais um”, que concedia o grau de Bacharel aos concluintes dos cursos de graduação com duração de três anos e o título de Licenciado aos que cumpriam mais um ano de estudos no Curso de Didática (UFMA, 2007, p. 08).

Para Rosa (2010, p. 66), “essa perspectiva histórica é relevante para que se possa discutir as relações formadoras de professores do curso de Pedagogia”.

Concordamos com esse pensamento, uma vez que o que se percebe é que no decorrer dos anos, muito foi discutido, mudado, aprimorado em relação a formação docente.

A Reformulação Curricular do Curso de Pedagogia de São Luís, vai ser orientada pelo Parecer Nº 259/69 – CFE. Naquele momento, em decorrência do processo de transformação que atingia as Faculdades de Filosofia, foi criada a Faculdade de Educação – FACED, na Fundação Universidade do Maranhão, pela Resolução nº 84/71 do Conselho Diretor dessa Instituição (UFMA, 2008, p. 09).

A década de setenta marca as grandes mudanças que o currículo de Pedagogia sofreu, dentre as quais destacamos: “a formação para o Magistério do Ensino Normal e habilitação de especialistas em Administração Escolar de 1º e 2º Graus; habilitações em Inspeção Escolar de 1º e 2º Graus; Supervisão Escolar de 1º e 2º Graus e Orientação Educacional” (UFMA, 2008, p. 09). Ainda nesta década outras mudanças ocorreram como: a criação da Coordenação de Pedagogia, os Departamentos de Educação I e Educação II, estrutura que se mantém até o presente; e a extinção da FACED.

No que diz respeito a década de oitenta podemos considerar que trouxe em si mudanças significativas em relação a formação docente. É o que nos diz Rosa,

A década de 80, para o curso de Pedagogia da UFMA, no Brasil como um todo e demais segmentos, representou um momento de autocrítica, de reflexão e busca de explicações e ampliações de novos espaços. Era preciso compreender o papel da educação na formação e no desenvolvimento humano. Alguns valores se colocavam como necessários naquele momento, como a liberdade. Certamente a educação assumiu um caráter fundamental nesse cenário de grande complexidade. A formação de professores seria um ponto de fortes discussões. (ROSA, 2010, p. 68)

Assim, no ano 1987 foi aprovada a reformulação curricular do Curso de Pedagogia aprovada pela Resolução Nº 49/87 – CONSUN. O elenco de Disciplinas da estrutura anterior é mantido, incorporando o enxugamento curricular do 1º Ciclo Geral de Estudos e ampliando carga horária e créditos. (UFMA, 2007, p.10)

A década de 90 será marcada pela aprovação da LDBEN nº 9.394/96, que desencadeou, mais uma vez, ações do MEC e do Conselho Nacional da Educação – CNE, no sentido de redefinir a formação do profissional do magistério para adequá-la ao texto legal. (UFMA, 2007, p.10)

É o que revela o artigo 64 da LDBEN nº 9.394/96,

A formação dos profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida nessa formação, a base comum nacional". (BRASIL, 1996, s/p)

Desta forma podemos depreender que as décadas de 80 e 90, foram marcadas por reformas no currículo, feitas para atender as exigências que a conjuntura da época requeria das instituições. Principalmente a partir da LDBEN nº 9.394/96, que vai reforçar estas reformulações, é o podemos observar no artigo 87, parágrafo 4º estabelece que "até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço". (BRASIL, 1996, s/p)

Conforme o histórico do Projeto Político Pedagógico 2007, do Curso de Pedagogia da UFMA,

Esses argumentos foram suficientes para indicar a necessidade de mudanças significativas no projeto de formação do Licenciado em Pedagogia, o que ocorreu em 2001, após um longo processo e discussão e elaboração coletiva de sua Proposta Curricular. Buscava-se, deste modo, formar professores melhor qualificados para atuar exatamente nas séries em que os problemas de evasão e repetência já se tornaram crônicos, contribuindo para assegurar a milhares de crianças um dos direitos básicos da cidadania: uma educação de qualidade. (UFMA, 2007, p.12)

Então, esse currículo deveria se configurar para atender as demandas educacionais e sociais, tais como evasão escolar e repetência, portanto, esse profissional deveria ter uma formação inicial sólida com aportes teóricos e metodológicos que o ajudem em sua prática educativa.

Atualmente, a estrutura curricular do Curso de Pedagogia da UFMA, está organizada da seguinte forma, as disciplinas estão organizadas em quatro eixos formativos e seus subeixos, cada um deles devendo garantir a construção de um determinado grupo de conhecimentos teórico-práticos necessários ao exercício profissional. (UFMA, 2007, p.18)

De acordo com Rosa,

Com essa estrutura curricular, o curso de Pedagogia da UFMA foi aprovado pelo CONSEPE em 2010, sendo que professores e alunos têm buscado muito mais que atender a um desenho curricular. É preciso dar vida ao currículo, desenvolvê-lo a partir de uma rede de relações, já que um dos maiores desafios é que os professores que compreendam o mundo atual e contribuam para a transformação social. (ROSA, 2010, p. 71)

Esta compreensão por parte das/os professoras/es formadoras/es em relação aos desafios da atualidade, serão o Norte, para dar vida a este currículo,

através do desenvolvimento de conhecimentos teórico-práticos específicos, necessários a formação docente.

Assim, torna-se relevante asseverar que o Curso de Pedagogia da UFMA, com seus 69 (sessenta e nove) anos de funcionamento, tem contribuído de forma significativa, por meio de seus/suas docentes – sendo em sua maioria doutores – para a formação de professoras/es, aptos ao exercício da profissão.

## **2.2 A formação de professoras/es alfabetizadoras/es e a disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização**

Ao longo dos anos, o campo da alfabetização no Brasil vem sofrendo mudanças, que refletem principalmente na formação das/os professoras/es alfabetizadoras/es. Estas mudanças dizem respeito a apropriação de saberes docentes, suas práticas pedagógicas e a utilização de métodos que deem conta de suplantar o fracasso escolar em relação a aquisição da leitura e da escrita das crianças, e a formação do cidadão.

De acordo Rocha, Santos, Oliveira (2018, p.11), “a formação do professor, no decurso da história da educação do Brasil, saiu de uma ênfase privada e elitista, passando a ser uma questão de ordem pública e social”.

Esta transição apontada pelo/as autor/as supracitado/as, revelam a influência do Estado no processo de formação dos professores, que visava atender as expectativas que este tinha em relação a formação do cidadão. Fazendo surgirem algumas indagações: Qual a figura do professor na sociedade moderna? Como o Estado enxerga o professor? O Estado ainda utiliza os cursos de formação docente (inicial e continuada) para difundir suas ideias políticas de/sobre educação? (ROCHA; SANTOS; OLIVEIRA, 2018)

A respostas a estas perguntas podem ser respondidas se observarmos a implementação de documentos legais, no que diz respeito a alfabetização objeto de nossa pesquisa, podemos citar aqui a Política Nacional da Alfabetização – PNA decreto nº 9.765 de 11 e abril de 2019, que no seu artigo prevê:

Art. 8º A Política Nacional de Alfabetização será implementada por meio de programas, ações e instrumentos que incluam:

VII - estímulo para que as etapas de formação inicial e continuada de professores da educação infantil e de professores dos anos iniciais do

ensino fundamental contemplem o ensino de ciências cognitivas e suas aplicações nos processos de ensino e de aprendizagem; (BRASIL, 2019).

A PNA, apresentada com cem dias de governo do atual presidente, “integra o projeto político-ideológico neoliberal e ultraconservador do atual governo federal” (MORTATTI, 2019). Deixa bem claro o quanto o Estado utiliza-se da formação tanto inicial quanto continua para propagar suas ideias políticas em relação a educação.

Corroboramos com o pensamento de Rocha, Santos e Oliveira (2018, p.12) quando dizem que “tais acontecimentos colocam em risco a democracia brasileira e o direito a diversidade de expressão”.

Basta observarmos o que diz a Constituição Federal do Brasil (1988), no Art. 206: “II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber”; e “III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas” (BRASIL, 1988).

Neste sentido, podemos apreender que a educação e suas políticas apontam para a não neutralidade do ato de ensinar, como enuncia Paulo Freire “uma tal separação entre educação e política, ingênua ou astutamente feita, enfatizemos, não apenas é irreal, mas perigosa” (FREIRE, 1981, p. 13).

Partindo daqui vamos compreender a formação de professoras/es alfabetizadoras/es e a disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização.

“Uma das dimensões do curso de Pedagogia é a docência como base para a construção da identidade profissional do pedagogo, que se preocupa com a formação inicial de professores para anos iniciais do ensino fundamental” (ROSA, 2010, p. 73). Dessa forma, pretendemos compreender a formação docente a partir da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, enquanto componente curricular do Curso de Pedagogia, faz parte do Eixo Formativo 02: Políticas e Gestão de Sistemas Educacionais, Escola e Organização do Trabalho Pedagógico, no Sub-eixo 02: Formação para a Docência.

As disciplinas que constituem este Eixo de Formação deverão propiciar um corpo de conhecimentos capaz de assegurar o domínio dos conteúdos das diferentes áreas que o professor deverá trabalhar na escola, associados às metodologias específicas, de modo a instrumentalizá-lo para efetuar a transposição didática dos conteúdos e saberes científico-culturais, numa abordagem voltada para a aprendizagem crítica e significativa destes conteúdos pelos alunos. Inclui ainda o domínio das novas linguagens da tecnologia educacional, através do estudo da utilização dos recursos da informática na produção de conhecimentos. (UFMA, 2007, p.20)

É relevante analisar tudo o que constitui esta disciplina, como a ementa e a carga horária, o programa da disciplina (Anexo B), em que período esta é ofertada, e a maneira que docente administra espaço, tempo e suas ações, e como esta disciplina pode mobilizar saberes das/os futuras/os professoras/es alfabetizadoras/es.

A disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, é ofertada no quarto período, não tem pré-requisitos, sua carga horária é de 60 (sessenta) horas, em sua ementa encontramos o seguinte:

A alfabetização como questão nacional: relações históricas entre escola e alfabetização. Contribuições da Lingüística, da Psicolingüística e da Sociolingüística. Alfabetismo e Letramento: concepções de aprendizagem de Língua escrita como representação gráfica da Linguagem e desenvolvimento de habilidades de utilização desse sistema para a interação social. Projetos e propostas de trabalho envolvendo a leitura e a escrita. O papel do/a professor/a alfabetizador/a: conhecimentos e habilidades. Estudo e análise de recursos didáticos e procedimentos de avaliação no campo da alfabetização. (UFMA, 2007, p. 56)

Partindo das informações obtidas no Projeto Político Pedagógico do curso, passaremos a analisar para fins de compreensão nossa, o campo da alfabetização e a formação de professoras/es alfabetizadoras/es.

A disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização como uma das disciplinas que tratam especificamente da alfabetização, tem grande relevância para a formação inicial da/o professora/o alfabetizadora/o, como nos diz Vituriano (2016),

[...] por tratarem de modo focalizado os processos de aprendizagem da linguagem escrita – o objeto de conhecimento, os modos como se aprende; as possibilidades de ensino, etc – elas teriam, em princípio, possibilidades de produzir, nos sujeitos formandos, mais relações com a atuação como professor alfabetizador (VITURIANO, 2016, p. 108).

Destacaremos as atividades teórico-metodológicas e a atuação da professora-formadora em suas práticas formativas dentro da disciplina, especificamente no turno vespertino, no período que compreende o semestre de 2019.1, quando se deu a construção da nossa pesquisa.

A professora-formadora da disciplina é efetiva do quadro de professores do Departamento de Educação I da UFMA, desde 1992. Possui graduação em Pedagogia Licenciatura pela UFMA, é Especialista em Alfabetização, pela UFMA; Mestre em Políticas Públicas, pela UFMA e Doutora em Educação, pela UNESP

(Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho). Tem Pós-doutorado em Crítica Cultural, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É Coordenadora do Curso de Pedagogia e coordena também o projeto de extensão Projeto Escola Laboratório – PEL.

Em seus 28 (vinte oito) anos de atuação nesta disciplina, corroborou para a mobilização e apropriação de saberes docentes das/os professoras/es alfabetizadoras/es, no decorrer destes anos, dos quais ela só se afastou para fazer o seu doutorado.

As atividades teórico-metodológicas da disciplina, visam especificamente o campo da alfabetização, é perceptível como a professora-formadora pensa em todos os aspectos, até a organização da sala remete a alfabetização e letramento. Ao entrarem na sala de aula as/os alunas/os, encontram uma mesa com vários livros como os clássicos da literatura infantil, contos africanos, contos indígenas, dentre outros. Cada discente pode escolher um livro fazer a leitura e sempre é pedido pela professora que comentem sobre o livro que leram.

Para Winkeler (2012), essa prática de “ler e interpretar as histórias de outros autores, as histórias infantis e contá-las demandam outro evento de letramento: a contação de histórias”. Ainda segundo a autora, “conhecer o universo da literatura infantil e interpretá-lo demanda um letramento literário, o qual exige prática”. Neste sentido, desde o início as/os alunas/os já tem o contato com o letramento literário.

Outra atividade solicitada pela professora, é que as/os discentes escrevam uma carta dizendo como foi o seu processo de alfabetização, esta atividade tem uma significação de sentido para o processo formativo.

No Quadro 1, estão alguns recortes das cartas que as/os alunas/os, escreveram para a Professora Marise, sobre o seu processo de alfabetização.

#### **Quadro 01 – Cartas sobre o processo de alfabetização**

<b>Aluna/o</b>	<b>Narrativa de como foi o seu processo de alfabetização</b>
A1	“A história a seguir é de como fui alfabetizada, não lembro ao certo muitos detalhes e nem minha mãe se recorda, porém irei contar o que recordo sei que estava na faixa etária dos 6 anos na educação infantil, lembro-me de minha mãe que sempre comprava revistas de quadrinhos e de historinhas e sempre me incentivava a leituras, lembro-me que na escola eram sempre distribuídos livros, frases e versos para que um de

	cada vez fossem acompanhados da leitura com a professora”.
A2	“Enquanto escrevo esta carta, absortamente, busco nos recônditos de minha mente fragmentos de imagens que me permitam lembrar os métodos pelos quais aprendi a ler e a escrever. Nisso acabei percebendo que, por incrível que pareça, quando estava passando por esse processo na mais tenra idade, pouco consegui resgatar das atividades da escola. [...] Em contrapartida, das experiências de alfabetização em casa, lembro muito bem”.
A3	“Eu iniciei o processo aos quatro anos de idade através do ensino que a minha mãe passava a mim e para minha irmã, quando fui para o Jardim de Infância já sabia identificar as letras, números, cores e formas. Só não sabia montar as sílabas das palavras, mas pouco a pouco com o esforço da minha professora Naamã e da minha mãe fui para o 1º ano do fundamental sabendo algumas palavras”.
A4	“Meu processo de alfabetização teve início no ano 2001 [...] No ano 2003 mudei para uma escola maior [...] a alfabetização se dava por meio da soletração[...] fiz a primeira série do ensino fundamental na mesma instituição[...] Em um dos primeiros dias de aula, a professora pediu que os alunos abrissem determinada página que continha a história de um menino que odiava que falassem com ele no diminutivo, pediu para eu ler a história o que não foi possível, e após algum tempo, nesta minha tentativa frustrada de reconhecer as palavras, um novato grita do final da sala: “ela não sabe ler professora”. Então percebi que realmente não conseguia ler”.
A5	“Meu primeiro vínculo com a leitura e a escrita começou pela minha mãe e o meu pai. [...] Na escola, fui alfabetizada de forma tradicional, a professora passava uma lista do alfabeto e pedia para nós completarmos os desenhos das letras e repetir em voz alta”.
A6	“Minha história com alfabetização tem início no jardim de infância. [...] No segundo período comecei a conhecer as letras do alfabeto, sempre associando há algum objeto, animal ou fruta. [...] A tarde tinha aula de reforço. No reforço fazia cópias, ditados e depois tinha que ler, embora não conhecendo uma ou outra palavra, assim fui sendo alfabetizada. [...] aos seis anos de idade já sabia ler, lia tudo o que via pela frente. Lembro-me de ler meu diploma do Jardim de Infância, que guardo até hoje, e tinha orgulho de dizer que merecia o diploma”.
A7	“Comecei a frequentar a escola bem cedo aos 2 anos de idade. [...] Não possuo tantas lembranças dessa fase dos 2 aos 6 anos, mas a lembrança mais forte que tenho sempre quando penso em minha fase de alfabetização, é da minha mãe lendo histórias para eu dormir. A minha mãe sempre nos incentivou a ler, comprava não só livros infantis, como também gibis. [...] Dessa forma, motivada a ler pelos gibis e já no terceiro período da educação infantil, comecei a ler e escrever”.
A8	“Lembro-me que eu comecei a ler e escrever quando eu tinha quatro anos, como minha mãe não trabalhava e devido a minha curiosidade ela sempre fazia atividades comigo que estimulassem isso principalmente brincando, cantava musiquinhas, demonstrando o que cada palavra queria dizer. [...] Quando eu cheguei ao antigo 2º período eu já sabia ler e escrever e por isso a professora quando terminou o ano letivo me pulou logo para a antiga 1ª série”.

A9	“O meu processo de alfabetização ocorreu sempre com muito incentivo por parte dos meus pais que, apesar de não serem leitores sempre me incentivaram muito. [...] Antes de completar os 4 anos de idade eu já sabia ler, conta o meu pai. [...] Lembro que antes de dormir eu gostava de ler meus próprios livros, era eu que contava história para os meus pais”.
A10	“Meu processo de alfabetização se iniciou no jardim de infância quando eu tinha três anos de idade. Tenho lembrança de uma querida professora que se chamava Lurdinha. [...] Com a professora Lurdinha conheci as primeiras letras e palavras, tudo era muito novo para mim. [...] Quando eu completei 6 anos, já conseguia ler e gostava de ler tudo que eu via pela frente”.

**Fonte:** Arquivo da Disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, 2019.

Percebemos, que esse resgate pode muito contribuir para o processo formativo das/os alunas/os. Uma vez que, a disciplina proporciona a possibilidade destes sujeitos, associarem as suas experiências no processo de alfabetização ao conteúdo estudado.

Evocamos Winkeler (2012), quando fala sobre a prática do formador, dizendo que esta consiste em “formar o professor alfabetizador leitor de sua própria história”:

Ler e escrever o texto da sua história, da sua experiência e fazer a relação com as teorias que estão sendo estudadas é uma das prerrogativas dessa didática do formador que foi expressa por meio dos memoriais. Primeiro, buscar o significado da história de cada aluno enquanto sujeito, identificar-se com a profissão professor, relacionar sua história de vida com as teorias abordadas e garantir um evento de letramento no qual a intertextualidade está presente. Essa prática pedagógica legitima o aluno em formação como sujeito histórico, que reflete, toca em situações que tiveram significado em sua vida e ganham sentido relacionado ao tema que está estudando. (WINKELER, 2012, p. 11)

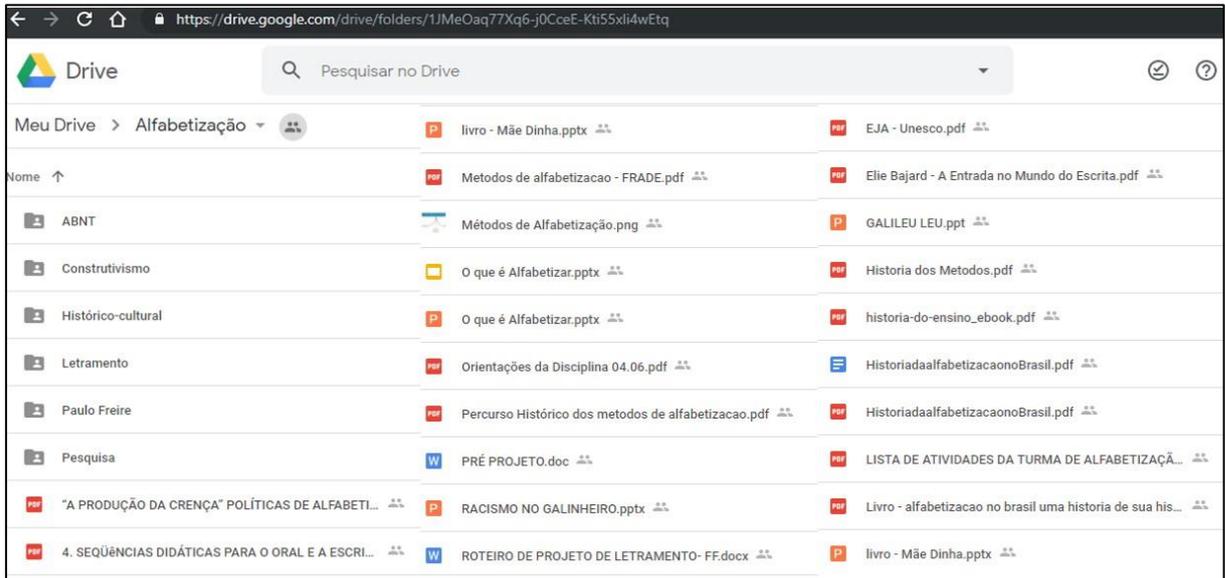
Sabemos que esta atividade, de buscar na memória, fatos relacionados as vivências das/os alunas/os, especificamente relacionado a etapa da alfabetização, pode não ser uma tarefa fácil, no entanto, carrega, um significado relevante para a aquisição dos saberes docentes.

A disciplina também se destaca, por formar professoras/es alfabetizadoras/es na perspectiva do letramento, portanto conta com uma excelente bibliografia de vários/as autores/as, que são disponibilizados no drive da disciplina, onde as/os discentes tem acesso livre.

De acordo com Pinheiro (2019, p. 26) “o Drive da Turma de Alfabetização, um acervo virtual acessível por meio de um link que permite o download de diversos

materiais entre livros, textos, artigos, slides, documentos, vídeos e outras orientações”.

**Figura 01** – Drive da Turma de Fundamentos e Metodologias da Alfabetização



**Fonte:** PINHEIRO, 2019, p.27.

Outro fator relevante, a se pontuar, é que a professora da disciplina conta com a monitoria acadêmica, para dar-lhe suporte nas ações pedagógicas que serão desenvolvidas dentro e fora da sala de aula. No período da referida pesquisa, era monitor da disciplina o aluno egresso do Curso de Pedagogia, Carlos Richard.

A monitoria acadêmica tem como marcos nacionais de regulamentação a priori, a LEI Nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, que fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências, conforme vemos no artigo 41.

Art. 41. As universidades deverão criar as funções de monitor para alunos do curso de graduação que se submeterem a provas específicas, nas quais demonstrem capacidade de desempenho em atividades técnico-didáticas de determinada disciplina.

Parágrafo único. As funções de monitor deverão ser remuneradas e consideradas título para posterior ingresso em carreira de magistério superior. (BRASIL, 1968)

Pinheiro (2019), analisando artigo supracitado ressalta que nem sempre a função de monitor é remunerada conforme prevê o Parágrafo Único. Ainda segundo o referido autor, “na Universidade Federal do Maranhão, o formato atual do

Programa de Monitoria Acadêmica já prevê a modalidade de monitoria voluntária, considerando que não há subsídios para toda a demanda”. (PINHEIRO, 2019, p.45).

Posteriormente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no capítulo IV – Da Educação Superior, em seu título VII (Disposições Gerais), encontramos no Art. 84: “Os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos.” (BRASIL, 1996).

O primeiro semestre de 2019, a professora da disciplina analisou e discutiu a PNA com as/os discentes, por ser um documento que passará a nortear a prática docente se professoras/es alfabetizadoras/es, destacamos que está é uma das particularidades da mesma, refletir, discutir e problematizar, tudo bem fundamentado teoricamente, sobre tudo o que é notícia que está relacionada a alfabetização.

Ainda neste semestre, a docente criou o Laboratório de Alfabetização, como uma inovação pedagógica, o qual discutiremos na próxima seção. Mas, aqui ressaltamos que está é uma atividade teórico-prática na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização com viés de extensão.

“Tal Laboratório coloca os estudantes em situações reais de trabalho pedagógico com crianças selecionadas e encaminhadas por uma escola da Rede Municipal de São Luís que é parceira do Projeto Escola Laboratório” (PINHEIRO, 2019, p.28). Além do mais, este passou a ser uma linha de ação do Projeto Escola Laboratório, que tem atuado a mais de 25 (vinte e cinco) anos como um espaço de indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, corroborando a apropriação de saberes docentes.

Assim, pontuamos que, apesar de sua carga horária de 60 horas, esta conta com o alargamento, propiciando a mobilização de saberes docentes tanto teórico, quanto prático.

### **2.3 Historicidade do Projeto Escola Laboratório como experiência formadora de extensão universitária**

O Projeto Escola Laboratório tem sua gênese no Curso de Pedagogia da UFMA em 1994, tendo como coordenadora a Professora Dra. Marise Marçalina de Castro Silva Rosa. “O projeto foi escrito por professores sob a coordenação da

mesma e iniciou suas atividades em agosto de 1994, logo após aprovação na Assembleia do Departamento de Educação I” (ROSA, 2010, p.83). Embora as atividades do projeto tenham iniciado em 1994, a portaria de aprovação pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão – CONSEPE, veio no ano seguinte.

Instituído em junho de 1995, como um projeto de extensão universitária, ligado ao Departamento de Educação I, com o nome: *Projeto Escola Laboratório: uma alternativa para a melhoria de qualidade do ensino de 1º- Grau*, possui finalidades várias, das quais destacamos esta que é: “fortalecer o campo de estágio supervisionado dos alunos de Prática de Ensino e estreitar as relações entre a universidade e a escola por meio de atividades de extensão” (ROSA, 2010, p. 80).

Para Ferreira (2014, p. 26),

Analisar a extensão universitária a partir da história do Projeto Escola Laboratório – PEL é contar a história de muitos agentes sociais que nesse percurso ajudaram a construir, com seus querereres, saberes e fazeres, uma prática de extensão diferenciada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Então, subscrevo a minha experiência com o PEL, que vai se dar em dois momentos, a priori, no ano 2016, quando cursei no 4º período a disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, neste período destaco suas atividades que foram muito significativas para mim: “escolher uma pessoa não alfabetizada para alfabetizarmos e as Rodas de Diálogos” onde eram promovidos encontros dos/as discentes com os/as professores/as da Rede Municipal de São Luís – MA, em uma troca de conhecimento entre todos os partícipes.

O segundo momento acontece no ano 2019, quando comecei a minha pesquisa monográfica, observando e participando do Laboratório de Alfabetização, uma atividade da disciplina na perspectiva da pesquisa/extensão.

Dessa forma, entendemos que as ações de extensão universitária desenvolvidas no Projeto Escola Laboratório, corroboram a formação de docentes, além de promover aprendizagens significativas para esses agentes sociais, principalmente no que diz respeito a sua formação enquanto professoras/es alfabetizadoras/es, por envolver teoria e prática.

Neste viés, nos diz Vituriano (2016),

Há, portanto, desde a formação inicial, que se pensar em perspectivas e trajetórias que contemplem a questão do ensino do ponto de vista de sua complexa constituição e, ao mesmo tempo, da perspectiva da investigação. É preciso problematizar a atividade docente do ponto de vista do ensino

como atividade sociocultural que envolve teoria e prática. (VITURIANO, 2016, p. 118)

Além do mais, o projeto favorece, que crianças da rede pública de ensino do entorno da UFMA, que até então não tinham se apropriado da leitura e escrita ingressassem no mundo letrado, através de atividades de significações e sentidos, que são realizadas em especial pelos discentes da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização do curso de Pedagogia.

Neste sentido, evocamos Soares (2016), quando diz: “Essas peculiaridades de alfabetizador(a) e alfabetizados afetam a interação que entre eles ocorre, e intervêm na prática dos métodos, que procuram fazer a mediação entre ensino e aprendizagem”.

Percebemos que no decorrer desses 27 (vinte e sete) anos, as atividades desenvolvidas no Projeto Escola Laboratório têm viabilizado a mobilização de saberes docentes por meio da extensão universitária. Portanto, com base nos dados que dispomos neste momento faremos um recorte histórico do projeto e de suas ações em seis momentos, pontuamos que o primeiro e segundo momento, é um recorte que Rosa (2010) fez em sua tese.

O primeiro momento compreende os anos de 1994 a 1998, sobre esse momento que podemos considerar a fase inicial das ações projeto, traremos o que nos diz Rosa (2010),

[...] as ações nesse período foram de ressignificação e formação continuada, em que professores da escola-campo, alunos do Estágio em Anos Iniciais, gestores e professores da UFMA aprenderam e ensinaram coletivamente, de forma compartilhada. (ROSA, 2010, p. 81)

Este momento é marcado pela interação dos agentes sociais que ocupam os espaços da universidade (professoras/es e alunas/es) e da escola-campo (gestores, professores e alunos). Além disso, Ferreira (2014), afirma que “este trabalho desenvolvido pelo PEL nesse primeiro momento, caracteriza-se como o ingresso dos discentes nos problemas educacionais existentes”.

No segundo momento, que acontece no ano 1999, o PEL tem como linha de ação a criação da “*Classe experimental de alfabetização*” que vai perdurar até os dias de hoje. De acordo com Rosa (2010), “Essa linha está voltada para o desenvolvimento de experiências alfabetizadoras pelos acadêmicos da disciplina: Prática de Ensino de 1º- Grau e *Alfabetização – Teoria e Prática*”.

Esta ação do projeto, não vai se dar nos espaços da escola, e sim no Núcleo de Alfabetização na UFMA, outorgando aos discentes cursantes da referida disciplina, o desenvolvimento autônomo de sua prática de ensino. Para Silva e Rosa (2011, p. 376), “Assim, concebe-se que o desenvolvimento da extensão como elemento curricular na formação de professores contribui não só para a inovação na perspectiva metodológica, mas também para um desenvolvimento curricular inovador”.

Percebemos então, que a extensão como um viés inovador do currículo, propiciando as/aos futuras/os professoras/es a mobilização de saberes docentes, através a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão.

Analisando este percurso inicial do PEL, Ferreira (2014, p. 27), afirma “que foi de suma importância para a construção de uma extensão crítica, pois promoveu uma relação dialógica entre a comunidade do entorno da UFMA e entre os agentes integrantes do Projeto”.

A fase inicial do PEL e as ações que foram desenvolvidas neste percurso, conduziram ao terceiro momento de ações extensionistas do projeto. Que é a criação dos *Atos de Leitura Triangulada – ALT*, no ano 2011. Uma atividade de alfabetização e letramento, “caracterizada como uma atividade com significação e sentido, na apropriação da leitura” (FERREIRA, 2014, p.28). Esta ação foi elaborada pela coordenadora do projeto e os integrantes do grupo.

Sobre esta atividade Ferreira (2014, p.28) destaca,

Os ALT, atividade criada em vista a promover a alfabetização de crianças com dificuldades na apropriação da leitura e da escrita, foi sistematizado para atender no tempo de cinquenta minutos e em cinco momentos denominados como: *entronização, leitura mediada, leitura conjunta, o desafio de ler e produção da escrita*”.

Ressaltamos que todas as ações desenvolvidas nestes cinco momentos eram bem planejadas e estavam fundamentadas por autores como Vigotsky (2007), Bajard (2012), Foucambert (1994) Freire (1979), como pontua Ferreira (2014).

Assim, observamos presente nos ATL a relação teoria e prática, e a impossibilidade de uma formação coesa sem essa relação. O/a formando/a, precisa estar perto da realidade em que vai atuar, ou seja, precisa aproximar-se do cotidiano escolar e então praticar o que aprendeu na teoria.

O quarto momento de ações extensionistas do projeto, vai acontecer no ano 2013, com a criação do curso *Alfabetização e Letramento Digital: diálogos e apropriações*. A priori o público alvo deste curso eram os/as trabalhadores/as da universidade, moradores da comunidade do entorno da universidade e posteriormente discentes dos cursos de graduação da UFMA.

Discorrendo sobre esse momento como sujeito participante desta ação Dias (2018, p. 24) assevera,

O que chama a atenção nessa e nas outras ações do PEL é a troca de conhecimentos, experiências entre os educadores (bolsistas, estagiários/as, voluntários/as) e aqueles que se beneficiam da ação (trabalhadores da universidade, comunidade), evidenciando a existência de uma extensão universitária alicerçada no processo dialógico em que os educadores (com seus conhecimentos teóricos) e os cidadãos (com os seus saberes práticos adquiridos com as dificuldades vivenciadas cotidianamente) trocam suas experiências em busca da melhoria social. A extensão vista e trabalhada dessa maneira institui-se como uma riqueza de contatos; renovam-se assim, ações transformadoras na sociedade.

Frisamos que esta ação, está articulada a disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, e perdurou até o ano 2019, sendo parcialmente parado por conta da pandemia da COVID 19, ocorrida nos anos 2020/2021.

Entendemos a relevância da extensão universitária tanto na formação e vida acadêmica dos discentes, além desta ter uma função prática social. Para fins de compreensão da função da extensão como uma prática social, colocamos o que Freire nos diz:

[...] educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1985, p.15).

Portanto, vemos a extensão como mediadora de saberes entre a universidade e a comunidade, onde há uma troca de saberes significativa entre todos os sujeitos envolvidos nas ações extensionistas.

No 2015, acontece o quinto momento de ações do PEL, marcado pela criação das “*Rodas de Diálogo*” provindo da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, cujo o principal objetivo era “levar aos professores da Educação Básica informações sobre as novidades no campo da alfabetização e letramento” (DIAS, 2018, p. 24).

Esta ação também vai se dar nos anos subsequentes, e a partir dela nasce a ideia da “*Rede Foco escola que alfabetiza*”, cuja pretensão era:

[...] ampliar o alcance das ações que visam à melhoria da Educação Básica com foco prioritário na Alfabetização na perspectiva do Letramento, realizando formações para professores da educação básica, ateliês de língua materna, desenvolvimento de planos, projetos, sequências didáticas e planos de aulas voltados para a melhoria na educação básica (DIAS, 2018, p.24).

Neste sentido, percebemos nesta linha de ação do PEL, a grande relevância que tem a “inserção da extensão no currículo dos cursos de formação de professores como elemento mobilizador das relações de sentido necessárias à construção dos saberes da docência” (SILVA; ROSA, 2011, p. 373)

Por fim, falaremos do surgimento do sexto momento de ações do PEL, no ano 2019, nasce o Laboratório de Alfabetização dentro da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização. Cujo o objetivo, é colocar as/os alunas/os da disciplina em situações de ensino e aprendizagem através de ações pedagógicas com crianças de uma escola da Rede Municipal de São Luís, do entorno da UFMA que é parceira do PEL.

A Escola então seleciona e encaminha estas crianças, que apresentam dificuldades de aprendizagens na leitura e escrita, são crianças do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, com faixa etária de 06 a 08 anos.

Dessa forma, o Laboratório de Alfabetização, se estrutura e organiza-se para atender estas necessidades das crianças, no que diz respeito a leitura e escrita, é o que nos mostra o quadro a seguir.

#### **Quadro 02 – Etapas do Laboratório de Alfabetização**

<b>Momento</b>	<b>Atividade principal</b>	<b>Duração média</b>
1º Acolhida	Atividade coletiva – Brincadeiras que priorizem a leitura e escrita o acolhimento.	10 mi.
2º Leitura	Atividade coletiva envolvendo literatura afro-brasileira, africana, indígena – Leitura de livros, lendas textos e poesias.	20 min.
3º Escrita	Atividades que fornecem a escrita e reflexões sobre ela.	30 min.
<i>Intervalo</i>	<i>Lanche</i>	<i>20 min.</i>
4º Produção individualizada	Atividades para acompanhamento individual com cada criança.	30 min.
5º Encerramento	Atividade light – tempo livre, brincadeiras e jogos.	10 min.

**Fonte:** Arquivos do Laboratório de Alfabetização, 2019.

Pontuamos que a disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização está vinculada ao PEL, “pois em seu escopo o projeto previa a disciplina como parte das ações de formação de professores, e também porque dentro do programa da disciplina previa-se o desenvolvimento de atividades de pesquisa e extensão” (PINHEIRO, 2019, p. 26).

Dessa forma, esta atividade integra e robustece a ações do Projeto Escola Laboratório, no decorrer desses anos, como observamos na figura a seguir, em que se apresentam as linhas de ações do PEL, dentre as quais destacamos, conforme já foi supracitado neste texto, que muitas delas nascem dentro da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização situando a disciplina no tripé ensino, pesquisa e extensão.

**Figura 02** – Linhas de Ação do Projeto Escola Laboratório em 2019



**Fonte:** Acervo Institucional do Projeto Escola Laboratório, 2019.

### **3 LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO – LABALF: desafios do ensino, pesquisa e extensão na formação de professoras/es alfabetizadoras**

Iniciaremos a presente seção, reverberando o pensamento de Rosa (2010, p. 22), sobre a prática extensionista,

A prática extensionista exige uma participação e um processo crítico-reflexivo de todos os atores sociais. Deve contemplar análises de questões que perpassem o processo vivido na universidade, na sociedade, visando à construção de uma práxis político-pedagógico e educativa, voltada para a construção social de conhecimentos e saberes necessários à formação acadêmica, principalmente na área da docência.

Neste viés, evidenciamos que, a extensão se torna o lugar, onde práticas situadas promovem além do ensino, a apropriação dos saberes docentes.

Some-se a isso, Silva e Rosa (2011, p.375) destacam que,

ao ser concebida como elemento curricular, a extensão assume o papel de conectora entre o ensino e a pesquisa, não como mensageira da academia para a sociedade, mas como uma ação mobilizadora dos mecanismos de construção dos saberes da docência.

Nesse íterim, é válido pontuar que a extensão enquanto um elemento curricular favorece a formação, “não só para a inovação na perspectiva metodológica, mas também para um desenvolvimento curricular inovador”. (SILVA; ROSA, 2011 p. 376).

Percebemos que a formação voltada para a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, favorece não só o aprendizado das teorias, que vão fundamentar as práticas pedagógicas, mas, permite que haja a proximidade do campo de atuação das/os futuras/os professoras/es, como um todo, de uma maneira inovadora, dando-nos a possibilidade de construir aprendizagens de significação e sentido.

Portanto, vamos dividir esta seção em três partes. Iniciaremos, refletindo sobre o Laboratório de Ensino um espaço da extensão universitária e a aprendizagem profissional.

Em seguida, buscaremos analisar o Laboratório de Alfabetização – LABALF, enquanto uma atividade que envolve a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, que é o objeto de estudo desta pesquisa monográfica.

Nesta parte, apresentaremos como acontece o LABALF, mapeando o processo de planejamento e a organização de cada momento que estrutura essa

atividade e como os agentes sociais envolvidos nesta pesquisa se organizam para cada momento.

Por fim, daremos voz aos agentes sociais envolvidos na pesquisa. Traremos as percepções da criadora do LABALF, a professora da disciplina, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada (Apêndice A), e as/os alunas/os, utilizando recortes de suas narrativas, contidas nos relatórios entregues ao final da disciplina.

Reiteramos que, os dados aqui apresentados e analisados por nós, foram colhidos em nossa pesquisa de campo realizada, no primeiro semestre o ano 2019.

Assim baseados nos dados desta pesquisa, pretendemos compreender como o LABALF criado na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização no primeiro semestre de 2019, pela Professora Dra. Marise Marçalina, que se insere também nas linhas de ações do PEL do qual a mesma é coordenadora, contribuiu no processo de apropriação de saberes das/os futuras/os professoras/es alfabetizadora/es.

### **3.1 Laboratório de ensino: reflexões sobre a extensão e aprendizagem profissional**

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, o perfil do/a estudante de Pedagogia, é definido assim:

Art. 3º O estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades compostas por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética.

Parágrafo único. Para a formação do licenciado em Pedagogia é central: I - o conhecimento da escola como organização complexa que tem a função de promover a educação para e na cidadania; II - a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional;

III - a participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino (BRASIL, 2006).

Embasados no referido documento, que aponta ao perfil do/a estudante de Pedagogia, é relevante pontuar que a de se pensar, que o currículo do curso dê condições para que este, possa obter as características desenhadas pelo

documento em sua formação, outra questão a ser pontuada é sobre a aproximação destes sujeitos com o campo de atuação profissional.

De acordo com Vituriano (2016, p.129),

Considerando essas questões problemáticas os professores-formadores buscam, a seu modo, enfrentar tais questões a partir do que compreendem como função da universidade – ao atribuírem um significativo papel entre a articulação do ensino, da pesquisa e da extensão – que é contribuir para a construção desse processo de desenvolvimento da identidade, o qual deve construir as bases na formação inicial, por meio de um processo, que leve em conta a articulação do ensino, da pesquisa e da extensão como possibilidade inclusive de enfrentar a dicotomia teoria e prática. Essa é uma questão bastante desafiadora. E nos parece que a própria organização dos currículos formais aponta o quanto é urgente e necessário pensar sobre tais questões.

Percebemos que o curso, deverá propiciar ao/a estudante, meios e ferramentas necessárias para que esta identidade seja construída no decorrer de sua formação acadêmica, por meio do tripé ensino a pesquisa e extensão. Como acentua Oliveira e Kikuchi (2018), “É necessário que o futuro professor, ainda no momento de sua formação, possa planejar, praticar e avaliar, colocando na mesa toda a teoria disponível e refletindo criticamente sobre a sua futura prática docente”.

Neste viés, observamos que os curso de formação de professores/as a aproximação da prática docente, acontecem nos estágios supervisionados, que são ofertados, nos períodos finais do curso, como asseveram Silva e Rosa (2011, p.377)

Nos currículos dos cursos de formação de professores, a dicotomia teoria-prática é explicitada por meio da disciplinarização das práticas, nos estágios supervisionados, os quais, na maioria das vezes, são realizados ao final do curso, com o objetivo de promover uma síntese que, por sua vez, deveria embasar o desenvolvimento de uma prática. Os conhecimentos ditos teóricos foram ao longo de toda a formação oriundos dos livros e das interpretações dos formadores, sem qualquer relação com a escola real, que se apresenta como um apêndice curricular.

Esta realidade trazida pelas autoras, dos cursos de formação de professores, aponta para uma questão bem relevante, o distanciamento do formando, do seu campo de atuação em grande parte da formação, fracionando assim a apropriação dos saberes docentes.

No entanto, as autoras supracitadas, relatam a experiência do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Maranhão, sobre o estágio supervisionado dos anos iniciais do ensino fundamental, a partir de ações extensionistas, como sendo uma reconfiguração do currículo. (SILVA; ROSA, 2010)

Essa experiência vem se desenvolvendo por meio do Projeto de Extensão Escola-Laboratório: uma alternativa para a melhoria do ensino fundamental, que possibilita aos professores em formação o desenvolvimento do estágio supervisionado por meio de ações pedagógicas complementares, envolvendo crianças residentes no entorno da UFMA, alunas de escolas públicas e comunitárias, com histórico de reprovações nos anos iniciais do ensino fundamental (SILVA; ROSA, 2011, p. 378).

Ainda segundo as autoras,

Tais experiências são importantes porque diversificam as ações do estágio e deslocam o lugar deste como sendo o de mera reprodução, numa perspectiva aplicacionista, para uma prática inovadora nesse campo, situando a extensão universitária como dispositivo curricular e como práxis mediadoras na produção/apropriação de saberes diferenciados (SILVA; ROSA, 2011, p. 379).

De acordo, o exposto acima, podemos perceber o Projeto Escola Laboratório, enquanto uma ação extensionista, pode viabilizar aos alunos/as, em sua formação inicial, a utilização deste espaço para a construção de aprendizagens significativas.

Diante disto, compreendemos que a extensão universitária viabilizada pelos laboratórios de ensino, são relevantes, uma vez que “o laboratório deve unir a teoria à prática, deve ser o elo entre o abstrato das ideias e o concreto da realidade física” (CRUZ, 2007, p. 45). Já que, o laboratório pode ser entendido como um local de experimentação.

Essa possibilidade oriunda da inserção de atividades extensionistas nos currículos de formação de professores, mobiliza não só a aquisição de saberes docentes, mas, a construção da identidade profissional das/os alunas/os. Como vemos nas palavras de Santos,

A atividade de extensão universitária tem sua relevância por ser fonte, “laboratório” de aprendizagem profissional e oxigenação do conhecimento (artístico, científico, tecnológico e cultural) produzido na universidade, possibilitar a geração de novos conhecimentos de forma interdisciplinar através de suas ações e contribuir para a formação cidadã e profissional dos estudantes universitários, oportunizando aos mesmos trabalharem a partir da realidade objetiva existencial concreta e cooperarem para a construção de uma sociedade cada vez mais justa, ética, fraterna, igualitária e verdadeiramente democrática (SANTOS, 2014, p.40).

Assim, “urge, portanto, que aconteça uma reavaliação dos papéis do trabalho prático e da utilidade do laboratório, de maneira que estimule o aprendiz a se tornar cada vez mais inserido na produção do conhecimento e deixe de ser apenas um mero ouvinte” (CRUZ, 2007, p. 45)

Após refletirmos sobre a extensão universitária e a sua relevância para a formação docente, possibilitada pelos laboratórios de ensino. Passaremos a analisar o processo de planejamento e desenvolvimento do Laboratório de Alfabetização na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização.

### **3.2 Laboratório de Alfabetização – LABALF: planejamento e desenvolvimento**

A disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, por ser integrante do grupo de disciplinas voltada especificamente para a alfabetização, a professora, sempre orienta as/aos alunas/os, que encontrem uma pessoa para alfabetizar e letrar, independente da sua faixa etária. No percurso de toda a disciplina, as/os alunas/os vão recebendo todo aporte teórico, que vão subsidiar essa atividade prática.

Para Dias (2018, p.32),

Essa atividade proposta pela professora Marise, tem por objetivo que os discentes da disciplina aliem a realidade social do aluno/a em processo de alfabetização, as atividades propostas, pois devem considerar seu cotidiano, o meio aonde vivem e para que isso ocorra é necessário ouvir quais os interesses do educando, aquilo que desejam aprender, vivendo uma prática colaborativa.

Neste momento, as/aos alunas/os, são levadas/os a terem contato com a extensão e pesquisa, trata-se de uma ação formadora que não se volta única e exclusivamente ao ensino, sem promover a aproximação do *lócus*, o espaço de atuação das/os futuras/os professoras/es alfabetizadoras/es.

No primeiro semestre letivo do ano 2019, ao propor a atividade de alfabetizar uma pessoa durante o período em que a disciplina é ofertada, a Professora Marise, propôs que as/aos alunas/os alfabetizassem crianças de uma escola da Rede Municipal de São Luís, localizada no entorno da UFMA.

Como seria então? A escola, enviaria para o Projeto Escola Laboratório, as crianças do 1º ao 3º do Ensino Fundamental, que ainda não haviam se apropriado da leitura e da escrita. Uma relação fora enviada antes com o nome de mais de trinta crianças, que as professoras selecionaram, e os níveis de hipóteses da escrita de cada uma. Sobre esses níveis de hipóteses,

Ferreiro e Teberosky (1986) desenvolvem também aspectos propriamente linguísticos da Psicogênese da língua escrita, quando descrevem o aprendiz formulando hipóteses a respeito do código, percorrendo um caminho que

pode ser representado nos níveis pré-silábico, silábico, silábico-alfabético, alfabético. (MENDONÇA; MENDONÇA, s/d, p. 38)

Saber e entender em qual nível cada criança está, permite ao/a futuro/a professor/a alfabetizador/a, desenvolver atividades que promovem aprendizagens significativas e contribuam para a aquisição da leitura e escrita.

Assim, de posse dessas informações, que a professora apresentou, para as/os alunas/os da disciplina, coube então mais uma pergunta: “O que fazer para receber essas crianças?”

Foi então, que nesse universo de perguntas, que o Laboratório de Alfabetização – LABALF, foi criado, no dia 07 de maio do ano 2019, pela professora Dra. Marise Marçalina, como uma atividade teórico-prática, da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, ofertada no quarto período do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão.

Compreendemos que o LABALF, trata-se de uma inovação pedagógica, pois, “implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais” (FINO, s/d, p. 1).

Portanto, o Laboratório de Alfabetização – LABALF, foi sistematizado em cinco momentos:

1. Acolhida;
2. Leitura;
3. Escrita;
4. Produção individualizada;
5. Encerramento.

Ainda tem o intervalo (lanche), colocado entre o momento da escrita e da produção individualizada.

As/os alunas/os, foram divididas/os em grupos, e cada grupo ficaria responsável por planejar as ações de cada momento. Neste viés, Rosa (2010) destaca o planejamento como,

[...] uma ferramenta importante na prática de ensino do curso de Pedagogia, por se constituir em uma possibilidade real de pensar o fazer pedagógico por meio da tomada de decisão, o que agrega a dimensão política no processo de formação e na produção de saberes docentes (ROSA, 2010, p. 88).

Dessa forma, as/os alunas/os com a professora, organizavam as ações de cada momento, de maneira coletiva, que possibilitava o entrelaçamento dos momentos, configurando o LABALF, enquanto um espaço de apropriação de aprendizagens de significação e sentido, para todos os agentes sociais envolvidos.

Cada grupo deveria elaborar uma sequência didática, que atendesse o objetivo principal do LABALF, corroborar para que crianças que ainda não se apropriaram da leitura e da escrita, tenham essas possibilidades, por meio de atividades situadas. Desse modo, as sequências didáticas deveriam voltar-se tanto para a oralidade quanto para a escrita.

Entendido dessa maneira, “uma "sequência didática" é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 96).

O LABALF, atividade teórico-prática da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, fora criado, para promover a apropriação da leitura e escrita às crianças e ainda para mobilizar saberes docentes para as/os futuras/os professoras/es alfabetizadoras/es. Assim, o laboratório foi sistematizado em cinco momentos, que acontecem no tempo de duas horas, todas as terças-feiras, dentro do horário da disciplina.

O primeiro momento foi denominado de **acolhida**, o grupo responsável por esse momento, organiza tudo para receber as crianças, desde a ambientação da sala que se dá com a saia literária que é aberta no chão, com alguns livros sobre ela, que estão disponíveis às crianças. Conforme vemos na figura 03:

**FIGURA 03–** A saia literária.



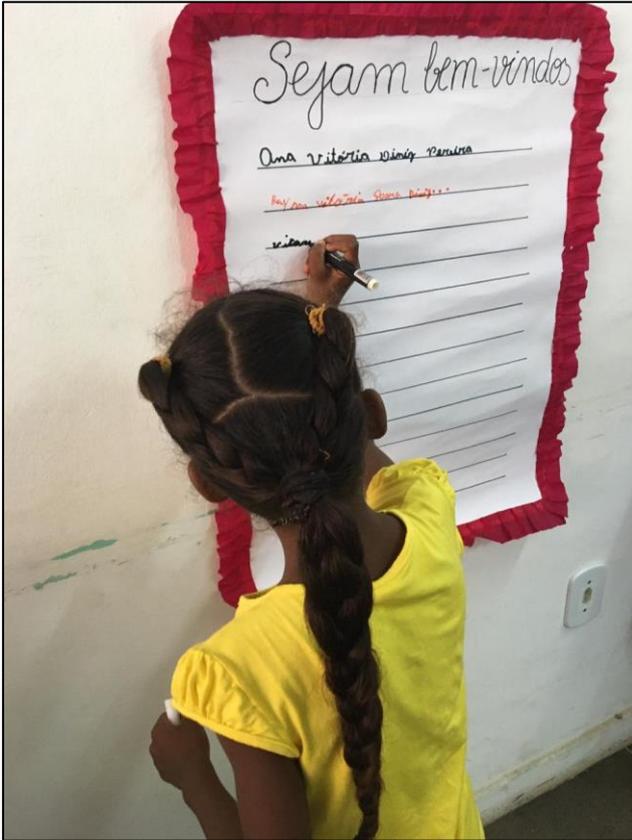
**Fonte:** Elaborado pela autora, 2019.

Dessa forma, ao entrarem na sala as crianças são recebidas pelas/os discentes que as orientam a acessarem os livros, elas têm liberdade de escolher o material que desejarem, folhearem, observar as imagens, fazendo assim a primeira leitura.

Assim, quando a criança tem acesso a uma variedade de livros e tem toda autonomia para escolher o livro que ela quiser sem a interferência de um adulto, podemos ver que esta atividade com “foco no gosto de ler e no prazer pela leitura e literatura contribuindo para a formação do pensamento crítico” (BAJARD, 2012, p. 34).

Ainda, para esse momento da acolhida o grupo responsável pensa em atividades, que promovam a identificação das crianças, utilizando músicas, fazendo crachás, passando uma lista de frequência onde cada criança poderá localizar seu nome e escrevê-lo como sabe. “graças às manipulações da escrita, a criança é capaz de reconhecer seu nome em um bater de olhos (leitura); de escrever seu nome” (BAJARD, 2012, p. 34).

**FIGURA 04** – Acolhida no LABALF: escrita do nome



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Assim, a lista de frequência, é um texto com funcionalidade, pois permite a criança identificação do seu nome e as/aos discentes a análise da escrita de cada criança.

O segundo momento é denominado **leitura**, o grupo responsável por esse momento, escolhe previamente uma história do acervo do PEL para ler para as crianças, pode ser um conto clássico, africano, indígena, etc., eles podem escolher ler outros textos, poesias, etc. (Anexo C)

**FIGURA 05 – Momento da leitura**

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Para essa leitura eles podem utilizar figuras relacionadas a história lida, podem utilizar o recurso da data show com imagens do próprio livro, enfim as possibilidades são tantas, e se dão de acordo com o planejamento das/os discentes.

Para Bajard (2012, p. 43),

A sessão e mediação revela que o livro tem três fios trançados: uma história em imagens (icônicas); uma história sonora; uma história gráfica. Ela descobre que a história do livro pode ser lida sozinha em silêncio; escutada da boca do mediador.

A sessão de mediação propicia dois tipos de acesso ao livro: 1. No espaço de autonomia um acesso visual às imagens que se combinam com o texto gráfico. 2. No polo de mediação, um acesso ao texto sonoro, carregado de sensibilidade pela música da voz, pelo fascínio do olhar e pelo calor da presença.

Nesse viés, esse segundo momento permite a criança o conhecimento do texto pela sonorização e através das imagens, dando a ela condições de acessar a língua escrita.

No terceiro momento se dá a **escrita**, o grupo deverá pensar em atividades que forneçam a escrita e as reflexões sobre ela (Anexo D). Neste momento, as crianças são convidadas a escreverem e/ou rescreverem algumas palavras, que tenham relação com o texto lido, elas têm disponível o alfabeto móvel,

para auxiliá-las neste momento, bem como a colaboração das/discentes. Ou elas podem também desenhar.

**FIGURA 6 –** Momento da escrita



**Fonte:** Elaborado pela autora, 2019.

Este momento se torna relevante, por permitir a criança, colocar dentro de suas aquisições de escrita a sua compreensão do texto lido, bem como a aprendizagem da escrita, que para Soares (2016), é “um processo semelhante à aquisição da fala, diferenciando-se desta apenas por ter por objeto a língua *visível*, e não a língua *sonora*”.

Para as/aos alunas/os, a importância deste momento está no fato de apropriação de saberes docentes na perspectiva da alfabetização, pois esta “interação entre alfabetizador(a) e alfabetizados, efetivam-se na inter-relação entre participantes diferenciados em situação de aprendizagem coletiva” (SOARES, 2016, p.50)

A **produção individualizada**, é o quarto momento, onde são planejadas atividades para acompanhamento individual de cada criança. Cada criança é acompanhada por um/a discente, que vai propor atividade de leitura e escrita, relacionada ao texto que foi trabalhado no segundo momento.

Este momento, leva em consideração a possibilidade de a criança conseguir realizar as atividades propostas. Então, a criança não é obrigada a escrever, ela pode utilizar o desenho para expor o seu entendimento do texto apresentado. Primordialmente “temos que auxiliar essas crianças em seu caminho para a alfabetização” (FERREIRO, 2013, p.33)

Então, a criança e a/o aluna/o, decidem onde poderá ser realizada a atividade se dentro dos espaços da sala do PEL, ou se pelos jardins do Centro de Ciências Sociais – CCSO na universidade. Como podemos perceber na figura abaixo:

**FIGURA 7** – Atividade Individualizada no jardim do CCSO



**Fonte:** Elaborado pela autora, 2019.

E por fim temos o quinto momento que é o **encerramento**, aqui assim como na acolhida, são pensadas ações que se relacionem num todo, dentro do LABALF. Portanto, as/os alunas/os são orientadas/os a pensarem em brincadeiras, jogos, músicas, que as crianças participem, com o intuito de prepará-las para a saída, de maneira bem tranquila. Evocamos Rodrigues (2013, p.42) quando diz: “Em turmas de alfabetização, é fundamental que a aprendizagem lúdica permeie todo o processo de construção da aprendizagem significativa, ou seja, os jogos e as brincadeiras devem estar presentes no cotidiano escolar”.

Em suma, percebemos que a sistematização do LABALF que são: acolhida, leituras feitas pelas/os discentes, leituras de imagens feitas pelas crianças, escrita feita pelas crianças, produção individualizada, voltada para atender uma

necessidade da criança diagnosticada pela/o aluna/o que a acompanha, e o encerramento hora do aprender brincando, corroboram para a apropriação dos saberes de leitura e escrita das crianças e docentes das/os alunas/os.

Assim, a criação do LABALF na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, tem contribuições relevantes, pois suas ações promovem a prática docente, de alunas/os, do quarto período do Curso de Pedagogia, no tempo mínimo de 60 h, no entanto, a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão propicia o alargamento deste tempo, sendo este um diferencial da prática docente no curso.

### **3.3 Percepções sobre o LABALF: contribuições dos agentes sociais**

Queremos então, dar voz aos agentes sociais envolvidos no LABALF, é imprescindível para nós compreender as percepções da professora da disciplina e das/os alunas/os. Ressaltamos que, os dados apresentados e analisados a seguir, são resultantes da pesquisa de campo, realizada no primeiro semestre do ano 2019, na turma do quarto período do Curso de Pedagogia, na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização. Para saber as percepções da professora da disciplina, utilizamos a entrevista semiestruturada, em relação as percepções das/os alunas/os, vamos utilizar os relatórios entregues por estas/es, e que compõem o acervo da disciplina.

Enfim, com base nestes dados, pretendemos, compreender até que ponto o Laboratório de Alfabetização – LABALF, atividade extensionista da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, poderá promover e mobilizar saberes docentes das/os discentes, por meio da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão.

#### **3.3.1 A professora formadora: percepções e contribuições**

A professora formadora<sup>1</sup> trabalha com a disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, há 30 (trinta) anos. No decorrer desses anos só deixou de trabalhar nessa disciplina quando teve que se afastar para fazer seu

---

<sup>1</sup> Departamento de Educação I da UFMA, desde 1992. Possui graduação em Pedagogia Licenciatura pela UFMA, é Especialista em Alfabetização, pela UFMA; Mestre em Políticas Públicas, pela UFMA e Doutora em Educação, pela UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho). Tem Pós-doutora em Crítica Cultural, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É Coordenadora do Projeto de Extensão Escola Laboratório e atualmente é Coordenadora do Curso de Pedagogia.

doutorado. Ao retornar, retomou suas atividades docentes, voltadas para a alfabetização e letramento e a formação de professoras/es alfabetizadoras/es.

Sobre este tempo de atuação no trabalho docente, nos disse:

Sou concursada e aprovada para lecionar a disciplina Didática, mas, desde que entrei aqui eu comecei a trabalhar com alfabetização, até os dias de hoje é só parei de dar a disciplina quando eu me afastei para o doutorado e quando voltei eu retome. (Professora-formadora)

Desse modo, percebemos que em sua trajetória a professora, voltou-se a alfabetização, em linhas gerais “para entender o processo de constituição da formação de professores para alfabetizar é preciso relacioná-lo com as questões históricas e sociais, sobretudo, entender as demandas sociais para a área” (VITURIANO, 2016).

Nessa perspectiva, podemos observar que a Disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização tem contribuído para a formação de professoras/es alfabetizadoras/es, como nos assevera a professora:

Toda disciplina tem uma razão de ser no currículo, quando ela foi sugerida e colocada nesse último PPC, seria contribuir para a formação da docência, voltada para os anos iniciais do Ensino Fundamental. A grande contribuição eu diria nesse currículo e nesse formato que nós trabalhamos é possibilitar que os discentes consigam desenvolver conhecimentos e saberes sobre alfabetização e letramento, é algo tão importante e necessário para quem trabalha com crianças a partir de seis anos, principalmente por ser o período de sistematização e aquisição da língua materna. (Professora-formadora)

Neste trecho da entrevista, percebemos as possibilidades de as/os alunas/os do curso de Pedagogia, atuarem como professoras/es alfabetizadoras/es. Este pensamento nosso, é fundamento por Vituriano (2016) em suas pesquisas, segundo a autora,

O curso de Pedagogia é o contexto privilegiado para formar os professores alfabetizadores, um espaço/tempo em que devem ser garantidas as bases para a construção das capacidades, da identidade para que este profissional inicie suas atividades docentes de modo a responder às necessidades formativas de cada criança que adentra a escola e precisa construir as bases para continuar aprendendo. (Professora-formadora)

Quando evidenciamos que o Curso de Pedagogia tem condições de formar um /a professor/a alfabetizador/a, é relevante pontuar o papel do/a professor/a formador/a neste contexto, quais são as teorias que norteiam suas práticas pedagógicas, haja vista que “nenhuma prática pedagógica é neutra, está

apoiada no modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem” (WINKELER, 2012).

Neste viés, observamos que a professora formadora, em suas práticas pedagógicas tem inovado, ao longo dos anos, as atividades teóricas-metodológicas da disciplina, voltadas para a alfabetização. Para Imbernón (2011),

Nesse contexto, a formação assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam.

Ainda nessa mesma linha, evidenciamos em nossa pesquisa a criação do Laboratório de Alfabetização – LABALF, um espaço voltado para a formação docente das/os alunas/os do Curso de Pedagogia.

De acordo com a professora formadora, “o LABALF, é uma experiência inovadora dentro do currículo, mas, principalmente dentro da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, disciplina que leciono”. Ainda segundo a professora, “nós trabalhamos com extensão Universitária, temos um grupo de pesquisa que é o GEP ALFALETRI, eu trabalho a perspectiva de que a gente aprende alfabetizar alfabetizando, aprende a ler lendo, aprende a escrever escrevendo” (Professora-formadora).

Some-se a isto, como a disciplina possui a relação teoria e prática, no viés da extensão universitária, disse-nos a professora,

Criamos o LABALF no momento em que era necessário desafiar as/os alunas do quarto período, que simultaneamente estão fazendo, as disciplinas de Currículo e Didática a chegar próximo dos processos de ensino-aprendizagem de alfabetização e letramento. Foi uma ideia nossa, associado ao PEL, fazendo jus inclusive ao nome do projeto, que é Escola Laboratório. O Laboratório de Alfabetização, é uma atividade de extensão dentro do PEL, e que permite fazer investigação e registro das práticas desenvolvidas por esses/as discentes a partir do momento que estão tendo contato com as teorias ou as perspectivas de alfabetização. As/os alunas/os, têm oportunidade de dialogar com as crianças e investigar o que a criança chega sabendo e como ela está pensando a escrita a leitura então eu acho que é uma perspectiva muito interessante. E, que deu muito certo. (Professora- formadora)

Analisando a fala da professora formadora, e com base em nossa observação participativa, indubitavelmente o LABALF, propiciou as/os discentes essa aproximação com a prática docente, na perspectiva da alfabetização e letramento.

Nesse sentido Imbernón (2011) assevera que,

Os docentes precisam desenvolver capacidades de aprendizagens da relação, da convivência, da cultura do contexto e de interação de cada pessoa como resto do grupo, com seus semelhantes e com a comunidade que envolve a educação.

Em relação as etapas que sistematizam o Laboratório de Alfabetização, como já supracitamos em sessões anteriores, a professora definiu assim: “o LABALF é como se fosse a representação máxima do PEL, é a prática laboratorial, o momento da experimentação, do desafio, do fazer, fazendo, de pensar, de teorizar de fato”.

Além disso, estes momentos foram sistematizados para atender um tempo determinado e acordado de duas horas, com a intenção de os momentos estarem ligados um ao outro, para evitar o fazer pelo fazer.

Sobre o momento da **acolhida** ela definiu “que a atividade de acolhimento, tinha que está diretamente ligada a temática que ia ser desenvolvida pra não ficar disperso ou fragmentado”. Portanto, “as crianças quando chegam aqui elas precisam ser recebidas e elas precisam ser acolhidas de forma que elas estabeleçam relação com a atividade que elas vão ser imersas durante o laboratório”.

Em relação aos momentos de **leitura e escrita**, a professora asseverou que: “as/os alunas/os, precisavam planejar atividade de leitura e escrita em rodas, tinham que pensar uma metodologia adequada para trabalhar a leitura colaborativa utilizando textos como: contos africanos, de contos indígenas, que integram o acervo do PEL”.

Sobre a **produção individualizada**, a professora ressaltou, “durante a nossa experiência como professora formadora a gente percebe que você não pode priorizar o trabalho em grupo sempre e deixar de trabalhar atividades individuais”. Disse ainda que: esse momento é relevante para quem está aprendendo a alfabetizar, possa analisar como estava o desenvolvimento da criança.

Eu recomendava as/os discentes que ao ficar com a criança, podiam fazer o diagnóstico e identificar onde a criança tem problemas se é na escrita, se é na leitura, na fluência leitora e daí trabalhar em cima dessa questão que fora identificada. Recomendo então que as discentes criem possibilidades focados ali naquilo que a gente quer que a criança alcance. As atividades individualizadas são fundamentais, vão fazer com que quem está ali aprendendo no laboratório possa ir compreendendo como poderão contribuir para o avanço da criança. (Professora-formadora)

A professora definiu assim o **encerramento**, “às crianças precisam encerrar as atividades e ficar tranquilas pra ir para casa. Portanto, é recomendo as

discentes que realizem jogos e brincadeiras para esse momento”. De acordo com a professora, “eu acho importante no laboratório por exemplo tudo tem um significado, nenhuma atividade pensada está descolada da outra, e como essa atividade vai possibilitar a aprendizagem da criança e da/o aluna/o, que está ali no laboratório”.

É evidente para nós, que o LABLF se constitui em uma atividade teórico-prática, que promove aprendizagens significativas, tanto as/os alunas/os, quanto as crianças. Além do mais, ele foi estruturado pela professora, de tal maneira que possibilita a produção e construção de saberes. Neste sentido, para Winkeler (2012): “as práticas que sustentam a didática do formador do alfabetizador são apoiadas por uma práxis reflexiva, na qual teoria e prática são indissociáveis”.

Então, colocamos em questão a professora, se o LABALF, pode contribuir para mobilizar saberes docentes de futuras/os professoras/es alfabetizadoras/es, ela disse-nos o seguinte:

Então, o laboratório é uma atividade da disciplina de Fundamentos Metodologias da Alfabetização que está no currículo, no eixo de docência, voltada para a formação de docentes. Ela se articula também as outras disciplinas do currículo. Mas, a grande contribuição é a experiência é o contato com a criança, é o contato com o problema de leitura e escrita. E assim, é a relação teoria e prática, é o processo de pensar, desenvolver, avaliar, acompanhar e estar diretamente em contato com a criança que está aprendendo e ao mesmo tempo com a professora formadora do lado, que sou eu, para que a gente tire as dúvidas e reencaminhe aquilo o que não deu certo, então acho que são valiosas as contribuições. (Professora-formadora)

Diante de tudo que a professora nos discorreu, sobre as possibilidades da mobilização e aquisição de saberes docentes de futuras/os professoras/es alfabetizadoras/es, no contexto da disciplina, levando em consideração o trabalho docente, desenvolvido por ela, evocamos Pimenta (1997), quando pontua que o desafio da formação inicial é o de colaborar no processo de passagem dos alunos de seu ver o professor como aluno ao seu ver-se como professor.

Assim, percebemos que são muitas as contribuições, uma vez que estas/es alunas/os ainda no quarto período do curso, é permitido experimentar a prática docente, em um ambiente todo planejado e preparado para essa experimentação que é o LABALF. Essa cara experiência sem dúvidas, propiciará a estas/es, conhecimentos da área de alfabetização e letramento. Ademais, a teoria expressará a ação prática desses sujeitos (WINKELER, 2012).

### 3.3.2 As percepções dos/as alunas/os da disciplina Fundamentos e Metodologias sobre o LABALF

As informações que serão apresentadas e analisadas aqui, são recortes feitos pela pesquisadora dos relatórios que as/os alunas/os fizeram, sobre as suas experiências no LABALF e que compõe o acervo da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização. Estes dados são referentes ao primeiro semestre do ano 2019. Vamos utilizar o código A1, A2, A3...sucessivamente, para nos referirmos aos agentes sociais desta pesquisa.

No Quadro 02, temos as percepções das/os alunas/os, quando receberam a proposta de alfabetizar alguém que ainda não fora alfabetizado. Para realizar esta atividade, deu-se a criação do LABALF, onde teriam contato com crianças de uma escola da rede municipal de ensino, no entorno da universidade, com dificuldades de apropriação da leitura e escrita.

**Quadro 03 – Percepções das/os discentes sobre a criação do LABALF**

<b>Aluna/o</b>	<b>Proposta de alfabetizar crianças no Laboratório de Alfabetização</b>
A1	Durante a disciplina de Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, foi proposto à turma pela professora Marise Marçalina, a oportunidade de vivenciar um projeto de extensão com as crianças da escola da rede municipal, no Projeto Escola Laboratório, dando-nos a oportunidade de conciliar a teoria com a prática. No primeiro momento creio que a turma ficou meio receosa e todos se sentiram desafiados em participar do projeto, pois ainda não tínhamos concluído a disciplina, mas, a oportunidade de unir teoria com a prática se tratava de uma grande experiência para todos.
A2	Durante mais uma de nossas aulas da disciplina de Fundamentos e Metodologias da Alfabetização que a nossa professora Marise Marçalina idealizadora do Projeto Escola Laboratório, nos lançou o desafio de auxiliarmos crianças em processo de alfabetização, lembro-me de ficar muito assustada, me perguntando se eu estava realmente preparada para isso e como iria fazer, acho que foi o sentimento geral, mas topamos de cara, pois a melhor forma de aprender seria por meio da prática, utilizando aquilo que já havíamos aprendido teoricamente sobre o assunto por meio de textos estudados, e da melhor maneira, com indivíduos reais, com necessidade e formas de aprender distintas, e principalmente com realidades diferentes.
	A disciplina “Fundamentos e Metodologias da Alfabetização” ministrada pela Professora Doutora Marise Marçalina, permitiu aos

A3	Acadêmicos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, a vivência no “Projeto Escola Laboratório”, durante o primeiro semestre do ano 2019, ao passo em que possibilitou por em prática o aprendizado teórico, contribuir para manter o tripé ensino, pesquisa e extensão – proporcionando qualidade aos que passam pelo Projeto Escola Laboratório.
A4	O projeto de alfabetização e letramento de crianças da região próxima da UFMA, idealizado pela professora Marise e realizado pelos alunos de Fundamentos da Alfabetização, tem como objetivo trazer para as crianças um conhecimento adjacente ao adquirido na escola que frequentam.
A5	Posso definir o projeto como desafiador, já que o início foi difícil por não saber como seria a experiência. E com algumas dificuldades fomos dar os primeiros passos e mesmo com alguns erros fomos aprendendo e melhorando a maneira de trabalhar e chamar a atenção das crianças.
A6	O desafio foi lançado logo nas primeiras semanas, ensinaríamos crianças que já estavam avançando na idade e não na leitura e nem na escrita. Não fomos ao encontro delas, elas vieram ao nosso encontro, o que aumentou ainda mais a nossa responsabilidade, pois, a necessidade a princípio era delas de aprender e nós como educadores atendendo a necessidade de cada um, ensinar.

**Fonte:** Acervo da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, 2019.

Analisando os recortes apresentados aqui, vimos que as/os alunas/os diante desta atividade, sentiram-se “receosas/os, assustadas/os”, pairava em suas mentes, como conseguiriam dar conta de realizar tal atividade. Sentiram o peso da responsabilidade. No entanto, aceitaram a proposta da professora formadora.

Conforme Pimenta (1997, p 86), “a formação passa pela mobilização de vários tipos de saberes: saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica”.

Somando a isto, percebemos, que a atividade teórico-prática provinda do LABALF, possibilita a produção de elementos para a formação docente de professoras/es alfabetizadoras/es, bem como a mobilização de saberes voltados para a alfabetização e letramento, por meio da investigação, pesquisa e dos aportes teóricos que nortearão a prática das/os discentes.

**Quadro 04 –** Percepções das/os alunas/os sobre o planejamento do LABALF

<b>Discente</b>	<b>Como eram elaboradas e desenvolvidas as atividades</b>
	Durante o projeto as atividades foram elaboradas de forma planejada para as crianças e foram desenvolvidas através de acolhida, leitura, atividade de escrita/coletiva, atividade individualizada e encerramento. Os alunos graduandos se dividiram em grupos e cada grupo ficava responsável por desempenhar uma

A1	das atividades descritas acima. Todas as atividades desenvolvidas no decorrer do projeto eram planejadas e tinham objetivos, todas tinham a finalidade de além de contribuir para o aprendizado das crianças, proporcionar a ludicidade, interação e participação de todos eles durante a elaboração das atividades, buscando sempre de uma forma dinâmica de se trabalhar em sala de aula. Desse modo, visando um maior planejamento nas atividades desenvolvidas pelas equipes no projeto, tínhamos que elaborar sequencias didáticas para cada atividade, tendo sempre a orientação da professora Marise quando necessário.
A2	Com base no que já estudamos na disciplina, planejamos atividades que sejam práticas e objetivas para as crianças levando em consideração a idade delas, o ambiente em que vivem, o conhecimento que elas já carregam consigo e sua personalidade.
A3	Em relação ao planejamento das atividades no laboratório foi algo importante para o desenvolvimento de ações autônomas dos acadêmicos do curso de Pedagogia Licenciatura da UFMA, que possibilitou planejar as condições de realizações das atividades e os desafios a serem enfrentados no processo de sua elaboração. Todas as atividades desenvolvidas no laboratório vão preparando as crianças para tudo o que será linguagem e para as tarefas de ensino.
A4	A cada semana o meu grupo como os demais, tinha a responsabilidade de planejar uma atividade para desenvolver nas terças, dia do laboratório, penso que foram os momentos de mais reflexão quanto a nossa prática como futuros professores, pensar em uma atividade que não se limita apenas a contribuir para a alfabetização das crianças, como também por meio dela trabalhar outros temas, como cultura, a identidade, a socialização, o respeito e a empatia. Pois entendemos a necessidade de um aprendizado significativo, onde a criança enxergue o sentido em estar aprendendo aquilo que é fundamental para a construção de uma educação melhor, com seres pensantes e críticos.
A5	Nos foi proposto elaborar atividades lúdicas que trabalhassem a leitura e a escrita, e durante toda a tarde as atividades deveriam ter uma lógica e uma continuidade, ou seja, todas as atividades deveriam ter como tema a história lida no dia durante o segundo momento. Cada equipe deveria produzir sequencias didáticas das atividades que fosse realizar, o que foi muito importante para estabelecermos relação com a disciplina Didática II que estávamos estudando durante o período.

**Fonte:** Acervo da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, 2019.

A partir destes recortes, compreendemos a relevância do planejamento para a eficiência das atividades que aconteciam no Laboratório de Alfabetização, como já supracitado anteriormente nada está descolado, e esta atividade não carrega em si, o fazer pelo fazer.

Portanto, a professora formadora orienta que, para cada momento seja feito uma sequência didática, ou seja “um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais” (ARAÚJO, 2013).

Outro ponto de grande relevância, é que esse planejamento de ações deveria estar voltado para corroborar que as crianças fizessem aquisição da leitura e da escrita. Nesse modo, as sequências didáticas da acolhida ao encerramento deveriam levar em consideração, a possibilidade de colocar as crianças em situações de práticas sociais de leitura e escrita.

Assim, concordamos com Rodrigues (2013),

O importante é criar hábitos e desenvolver habilidades de leitura e escrita de diferentes gêneros de textos. Pois o letramento é um processo que se estende por toda a vida e em todas as áreas de conhecimento, cabendo ao professor propiciar o desenvolvimento dessas práticas com seus alunos, incentivando-os à leitura e à escrita de forma contextualizada.

**Quadro 05 – As experiências das/os alunas/os no LABALF**

<b>Aluna/o</b>	<b>A experiência adquirida no LABALF</b>
A1	A experiência do laboratório mostrou que cada criança tem sua peculiaridade e seu tempo de aprendizagem e que se tiver um acompanhamento consegue se desenvolver muito mais pois muitas vezes não é uma questão só da escola e professoras e sim a necessidade de acompanhamento familiar para que escola e família possam caminhar juntas.
A2	Poderia declarar que muito me acrescentou o projeto atrelado a disciplina, haja vista que essas vivências, por mais que existam livros que descrevam de forma excelente momentos assim ou que possam subsidiar pedagogicamente, nada é comparado a experiência pessoal e relacional com as crianças, pois como o nome já diz é pessoal, subjetiva intransferível, no sentido de que cada discente em formação constrói seu repertório de conhecimentos a partir da demanda ou carência observada e sentida nos seus alunos e nele mesmo.
A3	De valor inestimável para mim o tempo em que estive no projeto, com certeza para a minha formação como futura docente foi fundamental ter a experiência teórico prática juntamente com as crianças dentro da academia. Aprender sobre as diferentes formas com as quais se dá o processo de alfabetização dos alunos, as teorias que servem como base para o professor, com toda certeza são aprendizados que me acompanharão durante toda a minha carreira como professora e que eu buscarei aprimorar cada vez mais. As vivências no laboratório me trouxeram aprendizados que com certeza farão de mim uma professora consciente da realidade dos meus alunos e com desejo de sempre buscar melhorar para

	oferecer a eles uma base em que possam se firmar e crescerem como pessoas humanizadas, pessoas alfabetizadas e conscientes.
A4	Decerto que a oportunidade de poder vivenciar essa experiência no Projeto Escola Laboratório foi um grande desafio para os alunos graduandos da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, tivemos a oportunidade de trabalhar a teoria juntamente com a prática e ao mesmo tempo pudemos fazer algumas descobertas acerca da alfabetização através da vivência com as crianças no decorrer do projeto.
A5	Esses dias de laboratório foram muito significativos para a aprendizagem, não somente dos alunos, mas, para nós discentes do curso de Pedagogia. Tinham crianças que acabamos nos aproximamos mais, acabamos voltando nossa atenção, mas, todas produziram em nós conhecimento e amadurecimento para a nossa profissão.

**Fonte:** Acervo da disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, 2019.

Analisando, as falas das/os alunas/os sobre as experiências adquiridas no LABALF, entendemos, quão relevante foi a inserção delas/es nesta atividade teórico-prática da disciplina. A aproximação das crianças, as descobertas, as vivências, e por que não dizer as aprendizagens significativas. Foram vetores para a mobilização de saberes docentes em práticas situadas de ensino-aprendizagem.

Concordamos com Imbernón (2011), quando diz que:

Será necessária uma formação flexível, o desenvolvimento de uma atitude crítica que englobe formas de cooperação e trabalho em equipe, uma constante receptividade a tudo que ocorre, já que a formação inicial deve preparar para uma profissão que exige que se continue a estudar durante toda a vida profissional.

Enfim, percebemos que todo o trabalho docente, visa corroborar para que as/os alunas/os da disciplina, seja possível a apropriação de saberes docentes, imprescindíveis para o exercício da profissão, entendendo-se como contínuos aprendizes.

## 4 CONCLUSÃO

Encerramos o processo de escrita da parte mais densa do trabalho monográfico, qual seja, apresentação e análises dos dados, obtidos pela entrevista semiestruturada e dos relatórios, documentos que nos permitiram compreender as percepções da professora formadora e das/os alunas/os, em relação ao Laboratório de Alfabetização, enquanto um espaço de práticas situadas de ensino-aprendizagem, na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão. Aferimos, que esta atividade, tem grande relevância, na formação inicial de alunas/os do curso, sendo necessária a continuidade dela.

No percurso desta pesquisa monográfica, fizemos algumas observações relevantes, sobre o Curso de Pedagogia, que teve sua gênese ligada a Faculdade de Filosofia de São Luís e posteriormente a criação da Universidade Federal do Maranhão, então estamos falando de um curso que antecede a criação da universidade. Este percurso histórico, se insere nesta pesquisa como crucial para que compreendamos a formação docente, e para nós, as ações formadoras de futuras/os professoras/alfabetizadoras.

Vimos que ao longo dos anos o currículo do curso vem sofrendo mudanças, reformulações são feitas, objetivando a formação docente, ou seja, qual o perfil deste/a pedagogo/a que se pretende formar, quais as habilidades que ele/a precisa desenvolver em sua profissão, para quais espaços ele/a está apto a atuar? Assim, no viés de nossa pesquisa, percebemos, que uma das pretensões do curso é formar para a docência.

Partindo daqui, fazendo alguns recortes na amplitude das informações obtidas, chegamos à disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização, e a formação de professoras/es alfabetizadoras/es. Vimos que, formar docentes aptos para atuar no campo da alfabetização se constitui em um grande desafio, uma vez que ao longo dos anos o campo da alfabetização, sofre mudanças que refletem na apropriação de saberes e práticas docentes.

Evidenciamos que a disciplina supracitada, carrega em seu escopo o ensino, pesquisa e extensão. Ligada ao Projeto Escola Laboratório, que ao longo de seus vinte e sete anos, tem corroborado para a formação docente, através de práticas extensionistas, a priori voltadas para o estágio supervisionado, posteriori

ampliando suas ações. O PEL, se constitui em um espaço de extensão relevante para a formação inicial das/os alunas/os, por aproximá-las/os da realidade em que irão atuar.

Percebemos, que o Laboratório de Alfabetização, se insere no bojo da disciplina como uma ação extensionista, viabilizado que futuras/os professoras/es alfabetizadoras/es se apropriem de saberes docentes, por meio da indissociabilidade do ensino pesquisa e extensão.

Consideramos a maneira que o Laboratório de Alfabetização, se organiza em momentos, onde as/os alunas/os investigam, planejam, elaboram as sequências didáticas, possibilita saberes docentes em vários aspectos, além de ser uma inovação pedagógica na disciplina. As inferências e reflexões da professora ao final de cada encontro, propicia o melhoramento das ações. Pontuamos, que esta atividade teórico-prática é primordial para formação docente.

A pesquisa bibliográfica, documental e descritiva, nos deu dimensão sobre a relevância do tripé ensino, pesquisa e extensão nos espaços da universidade, trata-se possibilitar aos/as alunos/as a apropriação de conhecimentos referentes a sua prática.

Enfatizamos que no percurso de nossa pesquisa, tivemos dificuldade em encontrar produção de pesquisa sobre laboratório de ensino, voltado para a Pedagogia, especificamente na área da alfabetização, achamos muitos estudos voltados para as outras licenciaturas (Biologia, Física, Matemática, etc.), fato que aponta a relevância de se escrever sobre do LABALF, por se tratar de uma inovação pedagógica na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização do Curso de Pedagogia. Outra situação difícil para nós, foi a pandemia da COVID 19, iniciada no ano 2020, retardando assim a conclusão da escrita de nossa pesquisa.

Percebemos no percurso desta pesquisa, as contribuições do Laboratório de Alfabetização, enquanto um espaço de práticas situadas, contribuições estas que teceremos a seguir.

Para a disciplina enquanto fundamento teórico-metodológico, uma práxis mediadora de mobilização e apropriação de saberes docentes de futuras/os professoras/es alfabetizadoras, em processo de aprendizagem por meio da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão.

Para as crianças, a apropriação dos usos sociais da leitura e escrita, em um ambiente organizado para esse fim, através de atividades situadas de leitura e

escrita, coletiva e individual. Para as/os alunas da disciplina, envolvidas nesta atividade, a apropriação de práticas docentes inovadoras por meio do LABALF.

Para a comunidade do entorno, a aproximação da universidade, sem que fosse necessário, ser aluna/o de lá, em uma relação dialógica. Para a escola, as aquisições das crianças, que vai repercutir diretamente na sala de aula, a ponto, de a escola enviar novas crianças para participarem do laboratório (Anexo E).

Enfim o LABALF, muito contribuiu para que eu tivesse possibilidade de desenvolver esta pesquisa, dando-me condições não só de observar, mas, de participar das atividades, contribuiu para que eu me apropriasse de saberes docentes, e para reafirmar o desejo de ser uma professora alfabetizadora.

Dessa forma, sugiro que as/os alunas/os do Curso de Pedagogia, sejam inseridos em práticas de ensino, pesquisa e extensão, o quanto antes lhes seja possível, por considerar a relevância de atividades teórico-práticas para a formação destas/es alunas/os. Concluimos que a inserção da extensão na formação inicial de professoras/es, é fundamental por permitir que estes mobilizem, construam e se apropriem de saberes docentes.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino. O que é (e como faz) sequência didática?. **Entrepalavras**, v. 3, n. 1, p. 322-334, 2013.

BAJARD, Elie. **A descoberta da língua escrita**. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)> Acesso em: 27 de setembro de 2021.

\_\_\_\_\_. **LEI Nº 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5540.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm)> Acesso em 15 de junho de 2022.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional da Alfabetização**. Decreto nº 9.765 de 11 e abril de 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação e Cultura, CNE. **Resolução CNE/CP no. 1/ 2006**. DCNs do Curso de Pedagogia, licenciatura. Brasília, MEC/CNE, 2006. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)> Acesso em 05 de julho de 2022.

CRUZ, Joelma Bomfim da. **Laboratórios**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/13\\_laboratorios.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/13_laboratorios.pdf)> Acesso em: 05 de julho de 2022.

DIAS, Mayara Broxado. **Alfabetização e letramento digital no projeto escola laboratório**: a extensão universitária como espaço de comunicação, inclusão e interação entre jovens, adultos e idosos. Monografia (Curso de Pedagogia- UFMA). São Luís. 2018.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In.: \_\_\_\_\_ (Orgs.), **Gêneros orais e escritos na escola**, p. 95-128. 2004.

FERREIRA, Natalia Ribeiro. **Atos de leitura triangulada**: a relação de sentido na alfabetização de meninas em situação de vulnerabilidade social. Monografia (Curso de Pedagogia - UFMA). São Luís. 2014.

FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**: seleção de textos de pesquisa. Tradução de Rosana Malerba. São Paulo: Cortez, 2013.

FINO, C. N. **Inovação pedagógica**: significado e campo (de investigação). DCE-UMA, III Colóquio. Disponível em: <[http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/Inovacao\\_Pedagogica\\_Significado\\_%20e\\_Campo.pdf](http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/Inovacao_Pedagogica_Significado_%20e_Campo.pdf)> Acesso em: 7 de julho de 2022.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra.1981.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. Disponível em: < <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>> Acesso em 18 de junho de 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, Lucinete Marques. **Técnicas e procedimentos metodológicos de pesquisa científica**. São Luís: UFMA, 2012.

LURIA, A. R. (1988). **O cérebro humano e a atividade consciente**. In L. S. Vigotski, A. R. Luria, & A. N. Leontiev, Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone.

MENDONÇA, Onaide Schwartz.; MENDONÇA, Olympio Correa de. **Psicogênese da Língua Escrita: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização**. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40138/1/01d16t03.pdf>> Acesso em 07 de julho de 2022.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. A “Política Nacional de Alfabetização” (Brasil, 2019): uma “guinada” (ideo) metodológica para trás e pela direita. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, n. 10, 2019.

OLIVEIRA, Zaqueu Vieira; KIKUCHI, Luzia Maya. **O laboratório de matemática como espaço de formação de professores**. CADERNOS DE PESQUISA v.48 n.169 p.802-829 jul./set. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/5JJGyGWZCfD9Q4gLZDMJRyR/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 05 de julho de 2022.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores-saberes da docência e identidade do professor. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 3, n. 3, 1997.

PINHEIRO, Carlos Richard Soares. **Eu monitor: sentidos e experiências da monitoria acadêmica como dispositivo de formação**. Monografia (Graduação em Pedagogia – UFMA). São Luís, 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano., FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: **métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROCHA, Juliano Guerra.; SANTOS, Sônia Maria dos.; OLIVEIRA, Marília Villela de. Fragmentos histórico da formação continuada do alfabetizador no Brasil. In:

SANTOS, Sônia Maria dos; ROCHA, Juliano Guerra. **História da alfabetização e suas fontes**. Uberlândia: EDUFU, 2018.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; ECKERT Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Revista Iluminuras**, v. 9 n. 21 (2008): Método e Interpretação na Construção de Narrativas Etnográficas. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301>> Acesso em 21 junho 2022.

RODRIGUES, Lídia da Silva. **Jogos e brincadeiras como ferramentas no processo de aprendizagem lúdica na alfabetização**. 2013.

ROSA, Marise Marçalina de Castro Silva Rosa. **Tecendo uma manhã: o estágio supervisionado no Curso de Pedagogia mediado pela extensão universitária**. Tese (Doutorado em Educação – UNESP). Marília (SP), 2010.

SANTOS, Marcos Pereira dos. A extensão universitária como “laboratório” de ensino, pesquisa científica e aprendizagem profissional: um estudo de caso com estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia de uma **faculdade particular do estado do Paraná**. **Extensio: R. Eletr. de Extensão**, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 11, n. 18, p.36-52, 2014.

SILVA, Rosemary da Silva. ROSA, M.M.C.S. **Extensão Universitária no currículo das licenciaturas: inovação e relação de sentido**. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>> acesso em 17 junho 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Projeto pedagógico do curso de pedagogia**. São Luís, 2007. Disponível em: <<http://www.ufma.br/portaUFMA/arquivo/Oc0sXZD9CxtFrI9.pdf>> Acesso em: 27/09/2021

VITURIANO, Hercília Maria De Moura. **Formação de professores alfabetizadores em cursos de pedagogia: sentidos de professores formadores**. Tese (Doutorado em Educação – UFRN). Natal, 2016.

WINKELER, Maria Sílvia Bacila. In: Perspectivas da didática do formador do alfabetizador. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO ANPEd, 35. 2012. Porto de Galinhas **Trabalho[...]** Porto de Galinhas, 2012. Disponível em: <[http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT04%20Trabalhos/GT04-1941\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT04%20Trabalhos/GT04-1941_int.pdf)> Acesso em: 23/11/2021>

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Entrevista com a Docente da Disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização

### ROTEIRO DA ENTREVISTA

Caríssima Professora,

Esta entrevista é referente a minha pesquisa monográfica para a conclusão de curso, intitulada: **LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO - LABALF: uma ação extensionista da Disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização**. Que objetiva investigar o Laboratório de Alfabetização como uma atividade inovadora de extensão universitária na disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização e as possibilidades de apropriação e mobilização de saberes docentes de futuras/es professoras/es alfabetizadoras/es. Nesse sentido, conto com a sua colaboração para responder as perguntas contidas neste roteiro, considerando a relevância que suas respostas tem para a minha pesquisa.

Diante do exposto, estendemos os nossos mais sinceros agradecimentos.

#### I. IDENTIFICAÇÃO:

**Nome:**

**Formação Acadêmica:**

Graduação: \_\_\_\_\_

Especialização:

\_\_\_\_\_

Mestrado: \_\_\_\_\_

Doutorado: \_\_\_\_\_

Pós-doutorado:

Cargo: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Tempo de serviço: \_\_\_\_\_

#### II. ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Quais disciplinas leciona e quanto tempo a senhora é docente destas disciplinas?
2. Quais as contribuições da disciplina Fundamentos e Metodologias de Alfabetização, para a formação de professoras/es alfabetizadoras/es?
3. Como se deu o surgimento do Laboratório de Alfabetização - LABALF? Porque deu esse nome?

4. Defina as etapas do LABALF?
5. Em sua opinião o LABALF pode contribuir para a mobilização de saberes docentes de futuras/es professoras/es alfabetizadoras/es?

**ANEXOS**

**ANEXO A – Decreto nº 32.606**

Legislação Informatizada - DECRETO Nº 32.606, DE 23 DE ABRIL DE 1953 -  
Publicação Original

DECRETO Nº 32.606, DE 23 DE ABRIL DE 1953

Autoriza o funcionamento dos cursos De  
Filosofia, Letras Neo-Latinas, Geografia e  
História e Pedagogia da Faculdade de  
Filosofia de São Luiz do Maranhão.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição e nos termos do artigo 23 do Decreto-lei número 421, de 11 de maio de 1938,

DECRETA:

Artigo único. É concedida autorização para funcionamento dos cursos de filosofia, letras neo-latinas, geografia e história e pedagogia da Faculdade de Filosofia de São Luiz do Maranhão, mantida pela Fundação Paulo Ramos e com sede em São Luiz, capital do Estado do Maranhão.

Rio de Janeiro, 23 de abril de 1953; 132º da Independência e 65º da República.

GETÚLIO VARGAS  
E. Simões Filho

## **ANEXO B - Programa da Disciplina Fundamentos e Metodologias da Alfabetização – 60 h**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CCSO- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO I  
CURSO DE PEDAGOGIA

DISCIPLINA: Fundamentos e Metodologia da Alfabetização: CH 60h/a – 2019.1

**Prof. Dra. Marise Marçalina de Castro Silva Rosa**

### **PROGRAMA**

#### **1 EMENTA**

A alfabetização como questão nacional: relações históricas entre escola e alfabetização. Contribuição da Linguística, da Psicolinguística e da Sociolinguística. Alfabetismo e Letramento: concepções de aprendizagem da língua escrita como representação gráfica da linguagem e desenvolvimento de habilidades de utilização desse sistema para a interação social. Projetos e propostas de trabalho envolvendo a leitura e a escrita. O papel do/a professor/a alfabetizador/a: conhecimento e habilidades. Estudo e análise de recursos didáticos e procedimentos de avaliação no campo da alfabetização.

#### **2 OBJETIVOS GERAL**

- Desenvolver capacidades teórico-metodológicas referentes aos fundamentos do campo da alfabetização e dos letramentos múltiplos visando apropriação de saberes e fazeres sobre os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita de crianças, jovens, adultos e idosos em espaços formais e não formais, compreendendo as dimensões políticas e crítico-reflexivas na organização, implementação e avaliação de práticas formativas de professores como agentes letradores.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar a trajetória histórica do conceito de alfabetização no Brasil, destacando os seus determinantes e implicações no campo da alfabetização escolar.
- Discutir as raízes históricas dos métodos e processos de alfabetização, destacando as suas implicações na aprendizagem da leitura e da escrita na atualidade.
- Compreender as dimensões teórico-metodológicas das concepções de alfabetização de crianças, jovens, adultos e idosos e suas implicações no cotidiano da escola.
- Planejar situações de ensino voltadas para a aprendizagem inicial da leitura e da escrita com crianças, jovens e adultos na perspectiva da alfabetização e dos letramentos múltiplos.
- Conhecer os Atos de Leitura Triangulada e os fundamentos teórico-metodológicos.
- Analisar as novas perspectivas de leitura e letramento digital e suas implicações nos fazeres e saberes de professores alfabetizadores diante dos gêneros digitais.

#### **3 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

##### **I UNIDADE:**

##### **DIMENSÕES HISTÓRICO-CONCEITUAIS DO CAMPO DA ALFABETIZAÇÃO**

- Alfabetização, alfabetizados, analfabetismo, analfabetos, letramentos, iletrados concepções e relações sociais: a escola em questão.
- Analfabetismo no Maranhão: relações econômico-social, políticas e pedagógicas.

- Formar professores alfabetizadores, questões teórico metodológicas.
- Os métodos e processos de alfabetização: dimensões históricas
- O Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa/PNAIC: discussões e compreensões

## II UNIDADE-ALFABETIZAÇÃO E OS LETRAMENTOS MÚLTIPLOS: os desafios de alfabetizar letrando na escola contemporânea

### CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA:

- **Magda Soares**( Biografia)– alfabetização e letramento
- **Paulo Freire** (Biografia)- letramento crítico
- **Ângela Kleiman** (Biografia): letramento e formação docente
- **Roxane Rojo**(Biografia): multiletramentos na escola, letramento digital.
- **Brian Street** (Biografia): letramentos múltiplos

### A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA NA ESCOLA DE VYGOTSKY OU TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

- Biografias de Vigotski, Luria, Leontiev e Davidov
- **Categorias conceituais:**Conceito de Homem, Objetivação, Apropriação, Zona de Desenvolvimento Próximo. Teoria da Atividade.
- A escrita como um instrumento cultural complexo
- Implicações metodológicas/Atividade Orientadora do Ensino: AOE

### PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

- Biografias de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky
- **Categorias conceituais:**Alfabetização construtivista, Ambiente Alfabetizador, Erro Construtivo
- Níveis de escrita: hipóteses pré-silábica, silábica com e sem valor sonoro, hipótese silábico alfabética e hipótese alfabética
- Implicações metodológicas

### ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS NA TEORIA DE PAULO FREIRE

- **Categorias conceituais:** Conscientização, Palavra Geradora, Círculo de Cultura, Diálogo, Alfabetização
- Princípios do método de alfabetização
- Implicações metodológicas

### LEITURA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DE CELESTIN FREINET

- Biografia de Célestin Freinet
- **Categorias conceituais:** O Método Natural, Pedagogia do Trabalho, Escrita.
- As técnicas Freinet: Aula passeio, texto livre, jornal escolar, imprensa escolar, correspondência interescolar, livro da vida, cantos de atividades
- Implicações metodológicas

## III UNIDADE: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE LEITURA, LETRAMENTO E PRODUÇÃO TEXTUAL

- **A produção escrita a partir de textos:** enumerativos, prescritivos, informativos, literários e expositivos
  - **O ensino da leitura e dos letramentos múltiplos**
- Conceção de leitura segundo Roger Chartier, Josette Jolibert, Jean Foucambert e Frank Smith;

- Relações entre Atividade, Mobilização e Sentido em Bernard Charlot.

A escuta e a leitura em Élie Barjard.

- Os Atos de Leitura Triangulada em Marise Rosa.

Curso de Alfabetização Digital; diálogos e Apropriações.

- **Diferentes modalidades organizativas para trabalhar com textos:** projetos de trabalho, atividades sequenciadas, atividades permanentes, situações independentes, texto livre, reescrita de textos, gêneros digitais,
- **Avaliação da leitura e da escrita:** correção e revisão de textos

### 3 METODOLOGIA

Considerando a natureza teórico-prática da disciplina, a metodologia pensada para a mesma ancora-se numa abordagem crítico-reflexiva que contemple a perspectiva investigativa e a ação-reflexão-ação. Destacam-se, a perspectiva de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como fundamento das práticas alfabetizadoras na disciplina, com a participação ativa dos alunos em projeto de extensão, escola laboratório, ALT, curso alfabetização digital e pesquisa de campo. Priorizaremos os procedimentos: exposição dialógica; pesquisa de campo/levantamento de dados; pesquisa na internet; organização de quadros conceituais; produção de narrativas; desenvolvimento de prática de tutoria: cada aluno se responsabiliza pelo processo de alfabetização de uma pessoa/ criança/ jovem ou adulto ou idosos; estudo de textos; trabalhos individuais e em equipes; dinâmicas de grupo; seminários; debates; produção de artigo; apresentação de vídeos; realização de uma oficina pedagógica

### 5 RECURSOS DIDÁTICOS

Retroprojektor, transparências, DVD/televisão, microsystem, CDs, computador, textos e livros, papel 40kg, cartolina, revistas pincéis atômicos, cola, tesoura, hidrocores, paradidáticos, cartilhas de alfabetização, data-show, notebook.

### 6 AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida com base nos seguintes procedimentos: avaliação diagnóstica, auto-avaliação, elaboração e participação dos alunos na apresentação dos trabalhos, provas escritas. Ademais, trabalhar-se-á a partir dos seguintes critérios: pontualidade, assiduidade, participação ativa nas aulas, criatividade, pontualidade na entrega dos trabalhos, iniciativa, capacidade de trabalhar em equipe e responsabilidade no desenvolvimento das atividades propostas, elaboração de relatórios e participação em eventos sobre o campo da alfabetização.

### 7 REFERÊNCIAS

- ARENA, Dagoberto Buim. **A leitura no início da escolaridade:** ouvir e ver. Marília, 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências. UNESP – Campus de Marília, 1996.
- BAJARD, Elie. **Da escuta de textos à leitura.** São Paulo: Cortez, 2007.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura.** São Paulo: Cortez, 1990.
- CARVALHO, Ana. ABCD na areia. **Isto é gente**, nº1886, dez/2005, p.52-53.
- FREIRE, Paulo: **Conscientização:** Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2005.
- CELIS, Glória Inostroza de. **Aprender a formar crianças leitoras e escritoras.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MOLL, Luis C. **Vygotsky e a educação:** implicações pedagógicas da psicologia sóciohistórica. Trad. Feni A. Tesseler. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CURTO, Lluís Maruny; MORILLO, Maribel Ministrál; TEIXIDÓ, Manuel Miralles. **Escrever e ler:** como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. V.I.

- \_\_\_\_\_. **Escrever e ler:** materiais e recursos para a sala de aula. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. V. II.
- ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet:** uma pedagogia de atividade e cooperação. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Trad. Diana Myriam Lichtenstein; Liana Di Maro. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre alfabetização.** 24.ed. atualizada. 10. imp. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Cultura escrita e educação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREINET, Élise. **O itinerário de Célestin Freinet.** O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na pedagogia Freinet. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Formando crianças produtoras de textos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. V. II
- FRANGELA, Rita de Cássia Prazeres. Com a palavra a escrita!. In: KRAMER, Sonia et al. **Infância e educação infantil.** 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da Escola Moderna.** 2.ed. Trad. Silva Letra. São Paulo: Editorial Estampa.
- \_\_\_\_\_. **Educação do trabalho.** Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- JOLIBERT, Josette et. al. **Formando crianças leitoras.** Porto Alegre: Artmed, 1994.
- MELLO, Suely Amaral. A apropriação da escrita como um instrumento cultural complexo. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; MILLER, Stela (Orgs.). **Vigotski e a escola atual:** fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2006.
- MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível.** Porto Alegre: Mediação, 1996.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento.** São Paulo: UNESP, 2004.
- MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. **Seminário Alfabetização e letramento em debate.** Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério, 27/04/2006.
- NEMIROVSKI, Myriam. **O ensino da linguagem escrita.** Trad. Neusa KernHicckel. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PELEGRINI, Denise. Alfabetização e cultura escrita. **Nova escola.** Fala, mestre [Emília Ferreiro], São Paulo, ano XVIII, n.162, p.27-30, mai/2003.
- ROCHA, Ruth. **O menino que aprendeu a ver.** Ilustração: Walter Ono. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.
- SAMPAIO, Marisa Narciso; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- SILVEIRA, Adriane de Souza; VARGAS, Luciane Moreira. Alfabetização: trajetórias e implicações. In: **Alfabetização: espaços e desafios.** Caxias do Sul, Série Interinstitucional Universidade - Educação Básica, 1993.
- SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- SMITH, Frank. **Leitura significativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita:** alfabetização como processo discursivo. 6.ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: UNICAMP, 1993.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Foram muitos os professores. In: FANNY, Abramovich. **Meu professor inesquecível.** São Paulo: Gente, 1997.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2001.
- .....

*Prof<sup>a</sup> Dra. Marise Marçalina de C. Silvas Rosa*

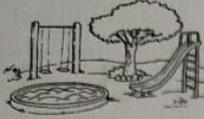
ANEXO C – Alguns livros utilizados no momento da leitura no LABALF



## ANEXO D – Algumas atividades realizadas no LABALF

Aluno (a): \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

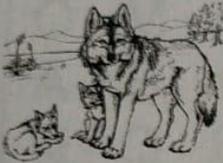
Observar as figuras abaixo e completar os quadrinhos com as letras que faltam:



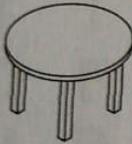
P		R			E
---	--	---	--	--	---



	A		E			A
--	---	--	---	--	--	---



L		B		
---	--	---	--	--



M		S	
---	--	---	--



C			R		E
---	--	--	---	--	---



C				E			O
---	--	--	--	---	--	--	---



P			N			A
---	--	--	---	--	--	---

# CAÇA-PALAVRAS:

"CORDEL FESTEJO JUNINO":

S	E	E	C	D	F	G	H	W	K	N	O
A	B	M	J	P	O	V	O	N	I	M	S
N	A	C	D	F	H	R	J	D	G	I	J
T	C	S	A	O	J	O	A	O	D	L	S
O	M	Q	W	J	K	C	V	K	J	H	A
A	B	F	K	W	J	G	A	W	K	O	O
N	Q	U	A	D	R	I	L	H	A	B	P
T	T	A	J	K	H	P	O	J	T	C	E
O	F	O	G	U	E	I	R	A	Z	A	D
N	B	K	J	M	P	S	U	K	R	C	R
I	N	M	K	O	L	V	J	U	N	H	O
O	J	P	A	M	O	N	H	A	C	B	A

PAMONHA

SÃO JOÃO

FOGUEIRA

JUNHO

SANTO ANTÔNIO

QUADRILHA

SÃO PEDRO

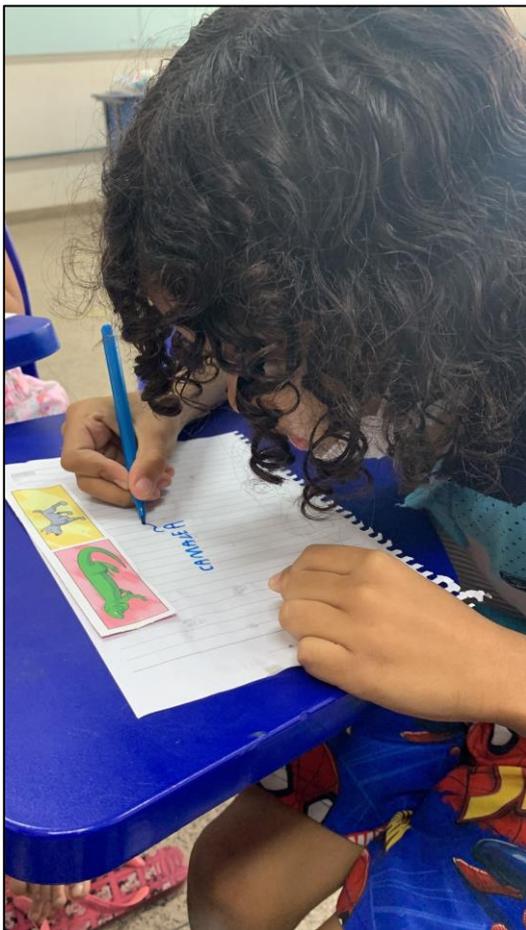
POVO

MILHO

**ANEXO E- Registros da Retomada do LABALF Pós Pandemia**



Hora da Leitura



Atividade Escrita